

Organizadores

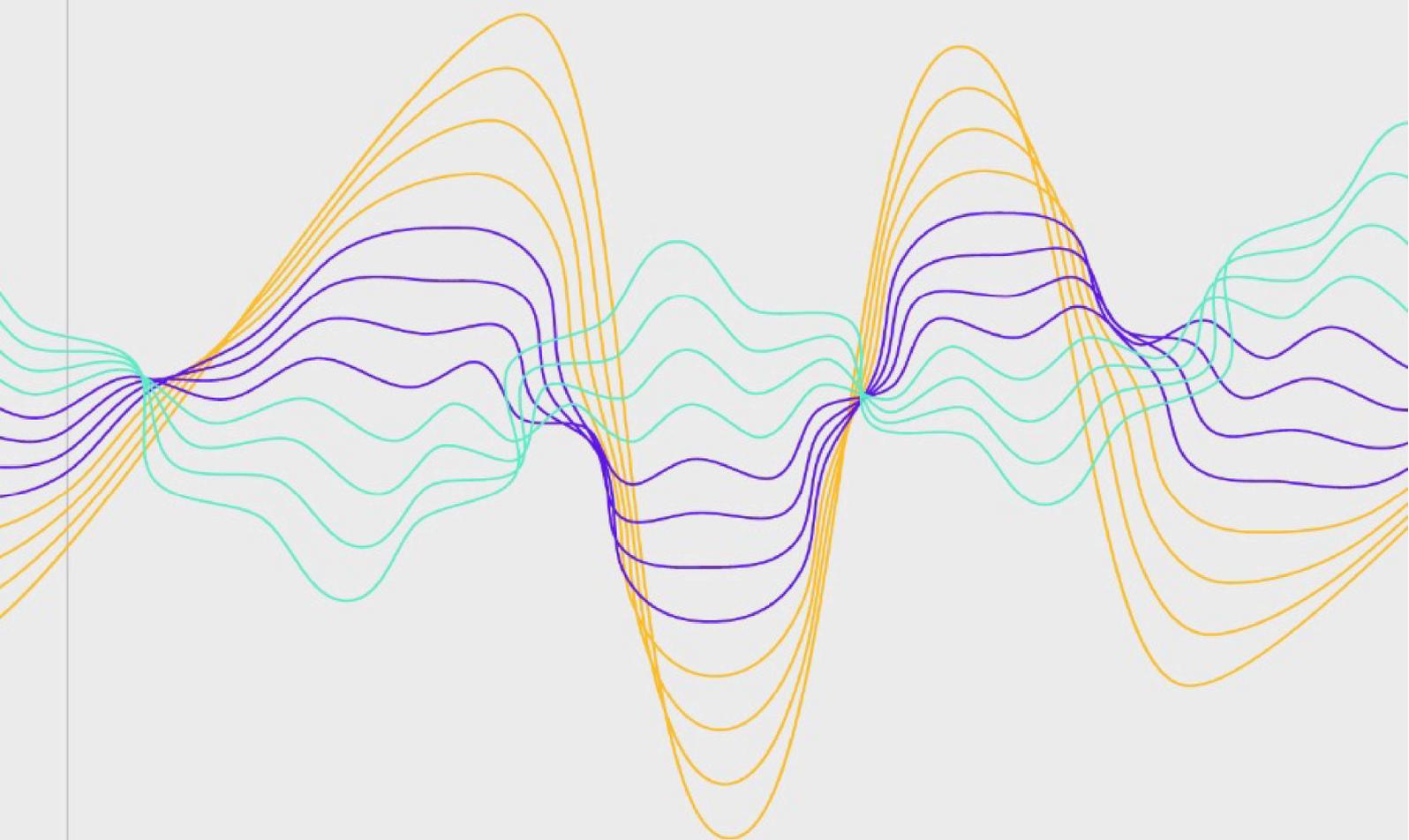
Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Deyse Alini de Moura

Gabriela Martin

Thaís May Carvalho



NÚMERO 4

Crônicas para ler e ouvir

ecq

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP

cje
JORNALISMO E EDITORAÇÃO



Universidade
93.7

CRÔNICAS PARA LER E OUVIR

NÚMERO 4

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Deyse Alini de Moura

Gabriela Martin

Thaís May Carvalho

(Organizadores)

ECA-USP - 2024

CRÔNICAS PARA LER E OUVIR

NÚMERO 4

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Deyse Alini de Moura

Gabriela Martin

Thaís May Carvalho

(Organizadores)

ECA-USP - 2024

*Para Edilaine Heleodoro Félix, Nabil Bonduki,
Rodrigo Morel e Viviana Bosi, pelas contribuições
ao programa Universidade 93,7 da Rádio USP e,
consequentemente, ao ensino do radiojornalismo
na Universidade de São Paulo.*

Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho

Clarice Lispector

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

Capa: Gabriela Martin

Diagramação: Daniel Azevedo Muñoz

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Jr.

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe do Departamento: Prof. Dr. Luciano Guimarães

Vice-chefe do Departamento: Prof. Dr. Wagner de Souza e Silva

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C947 Crônicas para ler e ouvir [recurso eletrônico] : número 4 / organização Luciano Victor Barros Maluly ... [et al.]. – São Paulo: ECA-USP, 2024.
PDF (76 p.)

ISBN 978-85-7205-288-7
DOI 10.11606/9788572052887

1. Radiojornalismo. 2. Jornalismo literário. 3. Crônica. I. Maluly, Luciano Victor Barros.

CDD 22. ed. – 070.194

Elaborado por: Lilian Viana - CRB-8/8308

Índice para catálogo sistemático

1. Comunicação: 302.2

Sem derivação



Creative Commons 4.0

Atribuição, Não Comercial

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
FALTA	9
O Dia em que Tudo Parou	10
<i>Caroline Santana</i>	
Dona Maria Esqueceu o Título da Crônica	12
<i>Emanuely Benjamin</i>	
Não Existe Amor em São Paulo	14
<i>Felipe Velames</i>	
Sinto sua Falta, Mamá!	16
<i>Jônatas Fuentes</i>	
Falta de Atenção? Ou Direção?	19
<i>Mariana Krunfli</i>	
São Paulo Muda Tudo	21
<i>Marília Monitchele</i>	
Decadência Assistida	23
<i>Melannie Silva</i>	
Noite Apática	25
<i>Paloma Lazzaro</i>	
PASSADO	27
Uma Dose	28
<i>Danilo Roberto Silva Queiroz</i>	
Viajando no Tempo	30
<i>Elaine Borge</i>	
O Velho Sofá da minha Avó	31
<i>Gabriel Eid</i>	
Apesar de Você	32
<i>Guilherme Castro Sousa</i>	
O que Você Diria para o seu Eu do Passado?	34
<i>Lorena Corona</i>	
Seis Horas da Manhã	36
<i>Sofia Lanza</i>	
Um Pedacoço de História Empoeirado	38
<i>Yasmin Araújo</i>	
SENTIMENTOS	40
Tristeza Amarga	41
<i>Clarisse Silva de Macedo</i>	
Alegria de Fã (Não) Dura Pouco	43
<i>Gabriele da Luz Mello</i>	
Dentre Tantas Respostas... o Tédio	44
<i>Láisa Dias</i>	
Calma, Pode Respirar!	46
<i>Lívia Lemos</i>	

Um Trajeto Nada Agradável	49
<i>Nathalie Cristiane Rodrigues</i>	
Coração Batendo Forte... Ansiedade	51
<i>Osmar Neto</i>	
Controle Automático	53
<i>Ricardo Thomé</i>	
A Inveja é Culpa Sua	55
<i>Thais Aya Morimoto</i>	
PRIMEIRAS VEZES	57
Um Dia Especial	58
<i>Ana Mércia Brandão</i>	
Um Sonho Concreto	60
<i>Camilla Almeida</i>	
De Aspirante a Esquiador Aquático para Esportista Frustrado – e Machucado	63
<i>Gabriel Diniz Tavares</i>	
A Primeira Vez da Última Vez	65
<i>Julia Magalhães</i>	
Dos Tempos da Gelatina e da Sopa Sem Sal	68
<i>Laura Pereira Lima</i>	
Recomeços	70
<i>Maria Trombini</i>	
Talentos Escondidos ou Inabilidades Desastrosas	71
<i>Mariana Zancanelli</i>	
Primeiras Vezes Desastrosas	74
<i>Thaís Helena Moraes</i>	
REFERÊNCIAS	75

Introdução

Este livro é o quarto número da série *Crônicas para ler e ouvir*, que reúne textos produzidos pelos alunos da disciplina *CJE 0603 – Radiojornalismo*, do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

As crônicas foram elaboradas, primeiro, para o formato em áudio, tendo como finalidade a produção de edições a serem veiculadas, em 2025, no programa Universidade 93,7 da Rádio USP, assim como disponibilizados como *podcasts* pelo Jornal da USP e no repositório do Programa Universidade 93,7.

No segundo momento, as crônicas foram adaptadas para o formato impresso, com o objetivo de estimular e aperfeiçoar a escrita dos estudantes e, também, pela oportunidade de divulgar o trabalho para o público leitor por meio de um *e-book* com acesso gratuito pelo Portal de Livros Abertos da USP.

A produção foi realizada no primeiro semestre de 2024, com a sala sendo dividida em quatro grupos. Os temas escolhidos para a elaboração dos programas foram: *Falta, Passado, Sentimentos e Primeiras Vezes*. Sendo assim, os estudantes construíram crônicas por meio de lembranças, ou melhor, experiências marcantes.

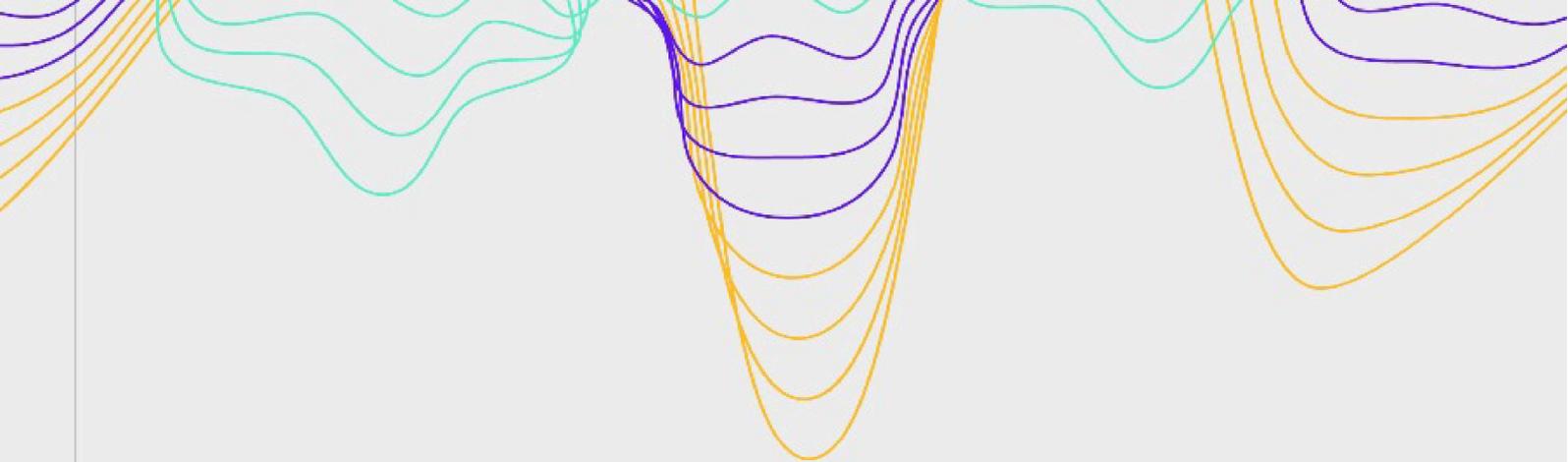
As gravações contaram com convidados para comentarem as crônicas e, conseqüentemente, os temas abordados. Os colaboradores foram: a jornalista e professora Edilaine Heleodoro Félix, o arquiteto e professor Nabil Bonduki, o jornalista Rodrigo Morel e a professora Viviana Bosi.

A equipe de editores contou com a presença do professor responsável da disciplina, Luciano Victor Barros Maluly e com as alunas de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Gabriela Martin e Thaís May Carvalho, e da pós-doutoranda Deyse Alini de Moura, além do professor Daniel Azevedo Muñoz, doutor em História Contemporânea pela Universidade Autônoma de Madri, na Espanha,

A ideia deste livro é fomentar produtos em multimídia, assim como estimular a comunidade *uspiana* a divulgar os trabalhos realizados dentro da instituição. Com isso, pretendemos fortalecer o conceito de Universidade Aberta, criando vínculos externos oriundos de iniciativas de ensino e de extensão.

Boa leitura!

EQUIPE EDITORIAL



Falta

O Dia em que Tudo Parou

Caroline Santana

Era uma manhã comum em Santa Cecília, bairro de São Paulo, o barulho do trânsito e de pessoas correndo porque estão atrasadas, um dia típico no hospital Santa Casa.

Os corredores, como sempre, estavam cheios e com o surto de dengue, nem as paredes aguentavam tanto aperto.

Como todos os dias, lá estava eu subindo e descendo a todo instante. Quando deixava um paciente em um andar, já tinha que descer de novo. Enfim, não posso me deixar vencer pelo cansaço, imagina perder lugar para as escadas? Por alguma razão, aquele dia tinha algo de diferente. Ouvia silenciosamente a conversa entre duas enfermeiras, Bernadete e Claudia, elas moram no mesmo bairro, Vila Mariana, na zona sul de São Paulo, e reclamavam sobre uma companhia de energia, uma tal de Enel.

Além de ser apertado, tocado e ter as portas seguradas todos os dias, ser um elevador também tem suas vantagens.

“Você acredita que esses dias acabou a energia lá de casa? Ficamos um tempão sem luz e a minha geladeira pifou! Perdi tudo, até o feijão que estava no congelador” – exclamou Bernadete.

Foi então que Cláudia respondeu: “Pois é, lá em casa também. Quase que eu não venho trabalhar, já que não tem como vir sem tomar banho”.

Achei a história um pouco absurda, mas como nunca aconteceu comigo, resolvi não me preocupar.

De repente, comecei a me sentir meio estranho, mais lento. Devia ser só o cansaço, não é fácil ter que subir e descer um monte de andares todo santo dia. Foi aí que ouvi um barulho de explosão. O tranco e o susto foram tão grandes que eu simplesmente parei.

“O que aconteceu?”, pensei.

Foi então que Bernadete exclamou: “Não é possível que a energia tenha acabado logo agora! Culpa dessa bendita Enel!”.

Enel, como pôde deixar faltar energia em um hospital? Cadê a empatia por nós, elevadores, que precisamos trabalhar? Levar macas com pacientes, ouvir a conversa dos enfermeiros?

Depois de muitas reclamações sobre essa companhia de luz e do calor que estava fazendo, só nos restou esperar. E foram horas e horas, parecia que o tempo não passava, não aguentava mais o tique-taque do relógio e pelo jeito o estrago foi feio. Quando o técnico, seu Odair, finalmente chegou para me consertar, ele só sabia pedir desculpas.

“Ah, desculpe o atraso. Tava o maior caos lá fora por causa da queda de energia”, explicou.

Depois de me consertar, mal deu tempo de Claudia e Bernadete saírem e já tiveram que correr com os pacientes. Parece que por conta da falta de luz, muitos deles tiveram as consultas canceladas. O gerador não deu conta das emergências. E os computadores então? Coitados, mal davam sinal de vida. As canetas em frangalhos depois de tantas fichas feitas a mão.

Um dia bem difícil, mas o que eu posso fazer? Sou apenas um elevador. Talvez se essa tal Enel soubesse das histórias que ouvi, depois desse dia, nunca mais deixaria algo assim acontecer.

Enfim, falta tempo e não tem energia sobrando para pensar sobre um dia em que tudo parou.

Dona Maria Esqueceu o Título da Crônica

Emanuely Benjamim

“Oi, tudo bem?”. Essa foi talvez a frase mais dita pela Dona Maria naquele dia de setembro. Era um sábado de sol. Na Vila Madalena, a casa da Rose, filha da Dona Maria, estava preenchida pela fumaça da churrasqueira e o barulho dos convidados que tinham ido para o aniversário do filho dela.

Quando cheguei, cumprimentei todo mundo, e Dona Maria me disse com toda a doçura na voz: “Oi minha linda, tudo bem?”, quando Rose me apresentou a ela, que eu conhecia desde que nasci.

Dona Maria era uma senhora de 80 anos que demonstrava carinho por onde passava e recebia bem, mesmo quem acreditava não conhecer. Nessa lista de supostos desconhecidos, cada um transitava em determinados períodos de tempo. Já passaram por ela parentes, amigos, o neto mais novo, que naquele dia completava 5 anos, e até o marido.

Durante a tarde, todos aproveitaram o churrasco contando histórias que Dona Maria ouvia pela primeira vez. De novo.

Era o famoso ciclo sem fim: alguém chegava, ela recebia, e depois perguntava “quem é esse moço?” para quem estivesse mais perto. Quando contaram sobre a formatura na faculdade de seu neto mais velho, Daniel, ela tentava encontrá-lo na memória. Mas, anos atrás, ela nem precisaria buscar tanto: bastava olhar o adulto de 24 anos sentado à sua frente.

“Não. O Danielzinho ainda é pequeno. Cadê ele?”, ela perguntou quando a irmã Isadora apontou para ele falando sobre como tinha crescido rápido. De fato, se perguntassem a Dona Maria sobre os netos, ela provavelmente falaria sobre o caótico dia em que Daniel nasceu prematuro.

Do casamento, muitas lembranças ao lado do Seu Caetano enquanto ainda eram jovens, com os 3 filhos pequenos. Ela contaria com saudosismo e nitidez sobre sua infância no sítio, os pais e as coisas que aprontava ao lado da irmã. Sobre o dia de ontem, o que ela almoçou ou até mesmo quem acabou de chegar na festa, nem tanto.

As coisas eram assim desde 2019, quando depois de esquecer a panela no fogo várias vezes, Dona Maria foi diagnosticada com Alzheimer. Naquele dia, todo mundo

entendeu que as coisas mudariam para sempre e Dona Maria não seria mais a mesma. Acontece que ela não mudou em nada. Ficou só mais atrapalhada. Talvez nesse ponto a falta de memória incomodasse um pouco.

Mas o pior era para quem convivia e amava a Dona Maria. Afinal, como se acostumar com a ideia da sua mãe não lembrar com clareza do seu filho ou do seu marido? Ou da sua esposa não te reconhecer na velhice? No fim das contas, o importante era celebrar a vida de Dona Maria e as memórias que, mesmo que ela não recordasse, eram lembradas com carinho pela família.

A festa seguiu até o fim da noite. Dudu, que fazia 5 anos, vibrou com os presentes e a hora de soprar a velinha. Eu estava no quintal quando Dona Maria lembrou de se despedir de mim. “Tchau, minha linda!”. Ela falou pela terceira vez seguida.

Não Existe Amor em São Paulo

Felipe Velames

Amor. Uma palavrinha de apenas quatro letras, mas que carrega tantos significados.

Amor pode ser uma forte admiração ou atração por outra pessoa; uma devoção por alguma coisa; uma demonstração de cuidado.

E mais importante: amor pode ser simplesmente um respeito ou compaixão que temos com os outros, incluindo desconhecidos.

Mas então, cadê o amor? Será que ele acabou?

Tudo que vejo ao andar nas ruas são brigas, discussões, violências. Onde está o amor em São Paulo?

Esses dias mesmo, estava andando de *Uber* pelas ruas da capital, quando, de repente, um carro deu uma fechada em outro.

Ambos os motoristas desceram dos carros e começaram a maior discussão:

– Você é um estúpido, não deveria nem ter carteira de motorista!

– Seu desgraçado! Quem você pensa que é para falar assim comigo?! Você sabe quem eu sou?

Nessa hora, um dos motoristas sacou uma arma do bolso e efetuou três tiros: “Pá, Pá, Pá.”

Depois do barulho ensurdecido dos tiros, restou um silêncio perturbador.

E um corpo coberto de sangue. Estirado no meio da rua.

O que será que acontece quando as pessoas dirigem um carro? Será que esquecem de princípios básicos de humanidade, como amar e respeitar uns aos outros?

Não é só no trânsito que ocorrem crimes violentos, mas em locais considerados tranquilos, como uma simples padaria.

Uma manhã, estava na fila para comprar um pãozinho, junto de um senhor idoso atrás de mim, um casal gay e uma menina de uns sete anos.

É quando chega uma mulher por volta de 40 anos, utilizando óculos de sol e bastante apressada, ao bater os olhos no casal presente na fila, parecia ter visto o maior dos pecados capitais.

Ignorando a presença de crianças no local, a mulher se sentiu no direito de atacar o casal e gritar em alto e bom tom palavrões.

– Os valores estão invertidos. Os tempos estão perdidos. Eu venho de família tradicional brasileira. Eu tenho educação. Diferente desses aí.

Falta tanto amor no coração das pessoas, que elas se sentem no direito de atacar pessoas que estão felizes e se amando.

E não pense que essa falta de amor está presente só nessas situações extremas e que você é inocente nessa história toda.

O metrô é o ambiente favorito dos paulistanos para demonstrar a sua falta de amor.

Sabe quando você está correndo com pressa e acaba esbarrando em pessoas na sua frente?

Ou quando está na escada rolante e começa a xingar mentalmente a pessoa na sua frente, simplesmente por ela ser mais lerda que você?

Ou pior, quando você está tentando ultrapassar alguém na baldeação, ela não dá licença, e você simplesmente lança um mega olhar de julgamento para a pobre coitada, quebrando anos de terapia dela?

É como diz Criolo em sua canção da década passada: “Não existe amor em SP”. Pelo contrário, a cidade está contaminada por outro sentimento bem mais intenso e poderoso.

Um sentimento que também é uma pequena palavra de quatro letras e que carrega tantos significados.

Ódio.

Sinto sua Falta, Mamá!

Jónatas Fuentes

Carta 1/3 – Santiago

Querida *mamá!*

A senhora lembra daquele homem que esteve aqui na praça numa tarde de terça, oferecendo um emprego?

Então, mamá, decidi trocar uma palavra com ele.

É o seu Jadson, ele tem uma firma de roupas lá em São Paulo e precisa de gente pra trabalhar como peão pra finalizar os últimos lotes do ano.

Mas a senhora não vai acreditar no que ele me falou.

Eu vou receber 5 mil *bolis* pra trabalhar com ele, mais 10 *bolis* por peça, com tudo incluso!

Teto, comida, tudo, tudinho! Nessa casa não vai faltar mais nada na dispensa!

Com esses 5 mil por mês, *mamá*, a senhora não vai mais precisar daquela tábuá, vou te comprar uma bengala novinha!

Ah, também lembrei do aniversário do Juanito, faz tanto tempo que ele não ganha um presente...

Eu quero que seja o aniversário mais inesquecível da vida dele.

E aquela geladeira que a senhora viu na lojinha? Já pensou como ela ficaria bonita na cozinha? Um fogão brilhando como um espelho...

As contas! Nunca mais vamos passar sufoco no fim do mês!

Mamá, é um negócio da China!

Já estou a caminho do centro, onde vamos trabalhar. O *patrón* pagou por tudo, até pelo nosso almoço.

No caminho, conheci Evandro, o Ramón, o Guillermo, até o González, pai de Juanito.

Estamos tão animados, olha... Todos nós queremos mudar de vida.

Espero poder ver logo o seu sorriso quando abrir a dispensa e não tiver mais nada faltando na nossa casa.

Com saudades, Santiago.

Carta 2/3 – González

Querida *mamá!*

Já estamos aqui há alguns dias e está tudo bem.

É bastante trabalho, diga-se de passagem, mas quanto mais produzirmos, mais a gente recebe.

Me falta tempo para descansar, o ritmo aqui é bem intenso.

Santiago está com algumas tosses, ele já não andava lá aquelas coisas. Quando chegou aqui, já senti o clima de pó no ar.

É difícil... mas vai valer a pena.

Minha caminha até lembra a lá de casa, mas a diferença é que fica no chão.

Pra gente fazer mais roupas, ficamos bem perto da oficina, com o maquinário.

Pelo menos não preciso mais pegar ônibus lotado pra distribuir currículo.

Prometo que vou lá no banco depositar pra senhora assim que receber minha parte.

O *patrón* falou que nossos clientes só vão pagar o lote daqui duas semanas.

Que depois de receber o cheque, repassa pra gente.

Vai demorar um pouquinho mais pro dinheiro chegar, mas fica tranquila porque ele é um homem de Deus.

E não esquece do presente do Juanito, por favor.

Ele quer ser jogador, ele vai adorar receber aquela chuteira de aniversário.

Inclusive, ainda não recebi nenhuma carta sua. A senhora tá bem?

Tô achando estranho, ainda não recebi notícias de casa...

Mas seu Jadson disse para esperar em Deus, como todos nós devemos.

Faz sentido, precisamos ter fé sempre.

Mas confesso que já estou sentindo sua falta, *mamá*.

Com saudades, González.

Carta 3/3 – Ramón

Querida *mamá!*

Eu ainda não recebi o salário.

Fiquei sabendo que González foi perguntar ao nosso chefe se ele estava prendendo a gente, que estava com falta de Juanito, e queria saber o porquê de não poder conversar com ele.

Ele voltou tão assustado, não queria nem dizer o que aconteceu.

Também não recebi nenhuma carta da senhora ainda.

Lembra que toda semana a gente conversava, jogava conversa fora e ria do que andava acontecendo?

O meu *patrón* disse que suas cartas ainda não chegaram, mas a senhora nunca faltava uma semana sequer.

Sinto tanta falta da senhora...

Ontem à noite tive dificuldade pra pegar no sono pensando em uma coisa.

Será que vai valer a pena tudo isso?

Não sei, nós sentíamos falta de tanta coisa aí em casa, mas eu sinto que, daqui de longe, falta muito mais.

O que a gente tinha não era muito. Mas nunca nos faltou o amor da família e nem a paz.

Agora, nem isso. Não posso nem sair pra rua, não tenho liberdade.

Estou com medo, *mamá*, sem saber quando vou te ver de novo.

Mas Deus cuida de nós, *mamá*.

Deus nunca vai deixar faltar nada, eu tenho certeza.

Com saudades, Ramón.

Falta de Atenção? Ou Direção?

Mariana Krunfli

Tinha acabado de voltar das minhas primeiras férias da USP. Depois de um longo dia, fui para o ponto de ônibus e enquanto esperava o circular, entardecia ao lado de várias pessoas que aguardavam o ônibus.

Nem precisei dar o sinal, vários estudantes já se levantavam para subir. Lotado como sempre. Me encostei no primeiro vazio que encontrei no ônibus, antes da catraca. Segui o trajeto com os olhos atentos pela janela, esperando o ponto final, mas o ônibus passou reto pelo Terminal Butantã.

Senti um calafrio na espinha. “Peguei o ônibus errado”, pensei. Enquanto vejo meu ponto ficando cada vez mais para trás, agora na noite escura, me espremi entre os passageiros para chegar até o motorista.

– Esse não é o 8012? – Pergunto.

– Não.

Ao ouvir a resposta, começo a repassar na minha cabeça o que fazer. Não conheço a cidade além do terminal, vou ficar perdida, de noite. Onde ia parar com aquele ônibus? O motorista percebe minha cara de desespero e pergunta:

– Onde você ia descer?

– Terminal Butantã – respondo, com a voz já trêmula.

– Vixe, acho que você pode descer no próximo ponto então, no Shopping Eldorado.

Mas eu nunca tinha ouvido falar daquele *shopping*. Na esperança de ficar menos longe do terminal, pergunto:

– Você não consegue me deixar aqui?

Entre um pensamento e outro, o motorista decide abrir as portas do ônibus no meio da rua, no meio do trânsito. Já vou descendo antes do alerta:

– Precisa passar o cartão!

Volto e tiro o plástico prateado da minha bolsa, mas ele não passa na catraca.

– Esse a gente não aceita – diz o cobrador.

Percebo, novamente, que não estou no ônibus circular. Com as mãos trêmulas, vou pegar o outro cartão, que estava sem saldo, mas ele cai no chão. O motorista apressa porque o trânsito começa a andar:

– Vai, desce assim mesmo.

Piso no asfalto e escuto São Paulo de noite. Olho para os lados e só vejo luzes de carros, sem ideia de onde estou. Procuro um porto seguro e encontro uma agência bancária vazia de portas abertas e luzes acesas.

Ao entrar, respiro fundo e finalmente pego meu celular para descobrir onde estou. No final das contas, vejo que não estava tão perdida em São Paulo quanto imaginava. Só precisava voltar algumas centenas de metros na mesma avenida que encontraria o terminal.

São Paulo Muda Tudo

Marília Monitchele

Era domingo de manhã quando cheguei. O dia ainda amanhecia e um sol tímido se iluminava em meio aos prédios. Fazia frio, e meu corpo acostumado ao calor intenso tremia, mesmo sob as cobertas. O ônibus atravessava uma avenida. Era feia, o cheiro fétido do rio que a cortava invadia as minhas narinas. Era o Tietê. Eu não estava necessariamente feliz ao chegar, mas ali, naquela ocasião eu tive uma única certeza: São Paulo mudaria minha vida. Desci do ônibus, mochila nas costas. “Moço, onde é o metrô?” “Só seguir reto”. “Esquerda livre”, disse a voz de alguém atrás de mim na escada rolante. “Lula também”, respondi simpática. Não era sobre política, era sobre pressa. Mas eu ainda não sabia. Havia muito a aprender.

Na névoa cinza daquela manhã fria, a cidade se abria.

Às seis da manhã de domingo tudo estava a pleno vapor. A confusão urbana não para os fins de semana. Entre os “bibis” no trânsito e a névoa cinzenta, a cidade se faz. E não para, não para nunca. São Paulo é imprevisível, é um tudo por acontecer. Isso encanta e atropela. São Paulo é, sobretudo, cansativa. Acelerada, intensa, frenética, barulhenta, caótica e feia.

São Paulo é feia.

Moradias e escritórios cresceram na vertical. Para ver a lua, é preciso se debruçar nas sacadas dos prédios. O horizonte iluminado e gigantesco brilha quase tanto quanto as estrelas do céu. É um formigueiro de gente apressada. Correm para trabalhar, correm para voltar para casa, correm para comer, como correm, sempre atrasados, sempre cansados, sempre com muito a se fazer.

São Paulo seguiu um delírio de grandeza na riqueza ostensiva das lojas de luxo, na *americanice* dos *shoppings centers*, nas fachadas históricas derrubadas para darem lugar a prédios cafonas e iguais, que pululam a preços ostensivos. Tudo está à venda, mas nem todo mundo pode comprar.

Mas São Paulo também é surpresa. É uma eterna reinvenção. Hoje é, amanhã pode não ser. Em meio a confusão urbana, São Paulo esconde sua maior beleza: a paisagem humana. Um caldeirão fervente de gente de todos os tipos, brancos, pretos, latinos e

orientais. Homens de gravata e coletes, meninos de tatuagens no pescoço e bonés para trás. A beleza do artista que monta seu palco na beira da Paulista com um microfone e uma caixa de som, casais que se beijam sem timidez na saída do metrô, a justiça de todas as formas de amor. Senhoras recatadas sentadas ao lado de garotas modernas de cabelos coloridos. Estudantes, *motoboys*, travestis, camelôs, bêbados e prostitutas.

São Paulo é o caos, e no caos se faz a vida.

Ninguém passa incólume, São Paulo muda tudo!

Decadência Assistida

Melannie Silva

Tinha acabado de sair do *Oxxo* da Rua Direita, quando cruzei com um grupo de turistas animados saindo da prefeitura para fazer a visita guiada pelo centro histórico. Era uma manhã ensolarada, perfeita para um passeio, um ótimo dia para tirar muitas fotos e registrar todas as belezas da região.

Todos pareciam tão felizes, sorrisos se tornaram algo raro nestas ruas. Por um momento até esqueci que aquele era meu último dia ali. Estava me mudando para a zona oeste, o caminhão chegaria em menos de 1h e ainda tinha tanta coisa para arrumar. Mas a verdade é que eu não queria ir embora.

Moro aqui na região há mais de 40 anos, conheço essas ruas como a palma da minha mão, presenciei todas as mudanças e transformações que esse lugar já passou. Mas depois de ter sido assaltada duas vezes na porta de casa, voltando do trabalho, decidi que ali não era mais o meu lugar.

Enquanto caminho de volta ao meu apartamento para terminar a mudança, lembro-me dos tempos em que este lugar era o coração pulsante da cidade, repleto de vida, cultura e movimento. Tudo o que você possa imaginar, existia no centro de São Paulo, mas, agora, o que vejo são estabelecimentos fechados e vitrines empoeiradas, As placas de “ALUGA-SE” se multiplicam como uma praga nas ruas, testemunhas silenciosas de uma era que parece ter ficado para trás.

O que era epicentro da atividade comercial e cultural, agora parece definhando aos poucos, a cada esquina, uma nova camada de sofrimento se revela. A sensação de insegurança paira no ar, todos os dias escuto relatos de assaltos que se tornaram tão comuns quanto a fumaça dos escapamentos dos carros.

Em cada lugar que meus olhos batem, sou lembrada da vida que esta região já teve. Todos os espetáculos que assisti no Theatro Municipal, todas as exposições que visitei no Centro Cultural Banco do Brasil. Mas hoje só resta a sensação de abandono e descaso, as fachadas com pinturas descascadas e as praças sujas.

Ao meu redor só vejo pessoas andando apressadamente. O medo tomou o lugar da contemplação. Até mesmo a imponente Catedral da Sé, tem toda a sua beleza e a sua fé apagadas pelo cenário de pobreza que a rodeia.

É uma ironia cruel que em um bairro com mais de seiscentos mil imóveis desabrigados, tenha mais de doze mil pessoas em situação de rua. Eu sei que o centro sempre abrigou seus problemas e suas contradições, e, como toda grande metrópole, São Paulo sempre foi muito desigual, mas desde a pandemia de Covid-19 as coisas ficaram bem piores. São famílias inteiras ao relento, que dependem da empatia dos outros para sobreviver.

E do alto do Edifício Matarazzo, aqueles que juraram cuidar da cidade assistem a sua decadência, como se não fossem responsáveis. Estão ocupados demais perseguindo um padre que cometeu o crime de dar um prato de comida para aqueles que a prefeitura nem considera mais como cidadãos.

Foi uma caminhada curta, mas o suficiente para me inundar com a nostalgia, dei uma última olhada pela janela do meu apartamento. Sabia que iria sentir saudades, meu coração estava pesado, eu era mais uma das milhares de pessoas que não resistiram ao abandono do Estado.

Uma hora depois, o caminhão chegou e eu fui embora, mas sempre olhando para trás e pensando que essas pessoas mereciam muito mais.

Noite Apática

Paloma Lazzaro

Não tem mais festa boa em São Paulo. A República tem facada, a Vila Madalena chateou, a Augusta teve uma lenta morte de dez anos, Largo da Batata não tem mais graça. Música ruim, bebida que não embebeda direito, pessoas chatas, minha barriga dói. Quem é o culpado por esse assassinato? Seriam os novos jovens, ex-adolescentes pandêmicos, inexperientes com a boemia? Os organizadores das festas decidiram cortar custos com a instabilidade econômica dos últimos anos? A indústria musical esqueceu dos festeiros e dos bebuns?

Há uma falta, um buraco desconfortavelmente morno e bege. Festejar parece um simulacro, apenas um ritual em que eu não consigo me envolver de corpo, e alma, nunca, pois as condições perfeitamente ruins nunca são alcançadas. Meus amigos também estão passando por impotência foliã na noite paulistana, então cheguei em poucos segundos à conclusão cômoda de que eu sou também apenas uma vítima de uma endemia da cidade.

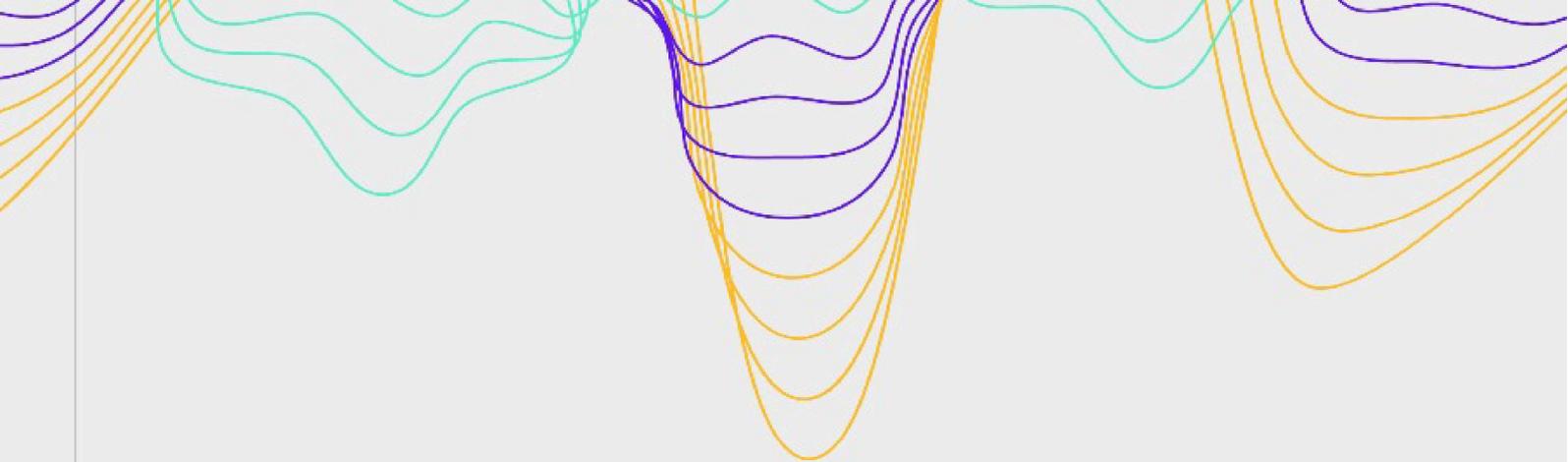
Não há o antigo fumacê multicolorido nas patuscadas, estamos em déficit de inebriantes em geral. Tenho a sensação de que o estuda-e-trabalha paulistano carrega consigo uma apatia generalizada fora de expediente. São Paulo é a capital nacional do *antientusiasmo*. São Paulo com suas cores cinzas e obcecada por trabalho, nunca consegue se soltar.

Ou estaria eu apenas encontrando um sujeito geral, amorfo e anônimo para cascatear minha frustração com a minha própria impotência boêmia? Há uns bons anos, na realidade nem sei quando começou, que sinto faltas. Nenhum cobertor me esquenta direito, nenhuma bebida embriaga certo, o cigarro se tornou extensão do corpo, as unhas quebram fácil e a pele está sempre seca e pegajosa. Existe um desconforto no conforto, não têm almofadas suficientes para acomodar minha coluna direito nesse sofá densamente estofado. Talvez seja a famosa vida adulta, mas o problema não está na rotina, nem no esforço. É o descolamento que dói.

É quase impossível acreditar que o prosaico e a normalidade feia são cheios de significado e beleza. Talvez parte de amadurecer seja a morte dos delírios de grandeza,

passando por um luto pela falta, e o nascimento do amor ao pequeno. As festas são normais, a música nunca mais vai ter a cor que tinha nos primeiros anos de bebedeira.

São Paulo é acima de tudo normal, apartamentos médios, casas em cores neutras e empregos com nomes pouco divertidos. Ela é gigantesca em sua *medianidade*. Talvez sintamos falta da exuberância, ou talvez eu esteja em vias de finalizar meu luto por mim mesma.



Passado

Uma Dose

Danilo Roberto Silva Queiroz

Dois anos. Quase três. Quisera eu esquecer dessa lembrança. Mas, é justo nesses dias que o desejo maior é enterrar a memória tornando-a morta, que ela vem carregada de sinais.

Começa já nas primeiras horas da matina. Escovo os dentes, tomo um banho, troco de roupa e fecho o trinco da porta. A passos lentos cobertos por uma cara ainda tomada de sono, ouço o barulho que cutuca uma ferida, que quase já havia se tornado cicatriz.

O “zunzum” chega primeiro pelas palavras ritmadas presentes na padaria da esquina de um lugar que sou obrigado a chamar de casa – na verdade, ela nunca foi. Aquela sílaba marcada do “bom dia” por um sotaque que a gente sabe de onde vem. Aí em seguida, tudo deságua. Um sinal convida outro. É o “Bom Dia” dos moradores da quebrada à espera do rotineiro ônibus lotado. O “Bom Dia” do motorista; do cobrador; das senhoras indo à igreja sentadas nos assentos preferenciais.

O chiado das conversas paralelas se finda com o: “bom trabalho, até amanhã”. Aí ferrou. O comboio desce mais uma ladeira das dezenas de morros já escalados pé a pé. E são 6 da manhã. Estação Vila União. Na porta do monotrilho, dia a dia quem nos recebe é Wesley Safadão, ou melhor, a caixinha de som do funcionário da limpeza terceirizada.

Aquele homem desconhecido nem imagina o que faz com a gente, migrantes estabelecidos no Jardim Elba. Seu aparelho já gasto, remendado por um monte de fita crepe dos botões ao fio que liga a energia para ser recarregado, é mágico. Limpa nossas lembranças já gastas, escova as dores da saudade que a chamada de vídeo não é capaz de solucionar, seca a tristeza da alma.

“Cinco dias, duas horas, dez minutos

que eu não te vejo.

O relógio tá girando

enquanto eu conto nos dedos”,

a caixinha de som me lembra das vezes que cantava aos gritos, eu e prima, dentro do carro indo pra Tamandaré, litoral há poucas horas da cidade que a gente morava, lá em Jabotão.

Mal a gente aproveitava o Natal e a terrível data que nasci. A ansiedade tomava conta do corpo. Arruma e desarruma a mala. Chega janeiro! Em anos que a vaca era gorda, cinco dias. Na escassez, um final de semana já era o suficiente. “E não quero ouvir ninguém resmungando, agradece a Deus”, religiosamente dizia tia todos os anos antes de ir pra colônia de férias.

Parou.

A caixinha não estava mais ali. O som da lembrança que ressuscitava a lembrança quase desfalecida se foi.

Cadê o homem do qual nem o nome eu sei? Trocou de linha, informou o funcionário do Metrô quando questionado. O homem também migrou, se é que já não era também migrante.

Restou para nós, de Jardim Elba, o chiado que mistura “oxe” com “mano” no ônibus. A bandeira do Sport estendida na janela do vizinho. A alegria do dono da *budega* por ter conseguido uma carga de jaca e pitu. Pra mim, restou saudade do “vai Safadão” à caminho da praia com a prima.

Viajando no Tempo

Elaine Borges

Quem me conhece sabe que eu gosto muito de moda. E, até pouco tempo atrás, eu trabalhava no Jornal da USP. Minha supervisora, que já havia percebido que eu não estava tão satisfeita com o meu trabalho na editoria de Universidade, me enviava em missões pra tentar achar alguma pauta sobre o tema. Neste dia em específico, que foi um dos melhores nessa minha curta trajetória como jornalista, eu fui transportada para uma outra época. Do outro lado da redação, no Espaço das Artes, ocorria uma exposição sobre moda no Brasil entre os séculos dezesseis e dezenove. Eu fiquei deslumbrada.

Sou da Geração Z, então é claro que o conteúdo que eu mais consumo sobre moda vem da Malu Borges, no *TikTok*. Nunca tinha parado para pensar em como as tendências de uma época refletem tanto na sociedade. Mas essa era a proposta da exposição: contar a história do Brasil por meio da moda. E eles fizeram isso muito bem. As mulheres que faziam parte da elite usavam roupas bem estruturadas. Pareciam obras de arte, sinceramente. Mas eu imagino que elas se sentiam bem sufocadas ali também. Tinha uma estrutura que ficava embaixo do vestido, outra estrutura para estruturar essa estrutura, outra para dar volume pro quadril, um *corset* ali, outro *corset* aqui. Devia ser pra evitar que elas falassem demais.

As roupas das pessoas negras eram bem mais simples. Na exposição, havia o exemplo de uma pintura da época chamada *Uma negra rica*. Mesmo sendo rica, ela não se vestia com a mesma pompa das brancas europeias. Usava uma saia e uma blusa branca sem muitos detalhes e sem todas aquelas estruturas que comentei há pouco. Já os homens escravizados só usavam uma calça com algo que parecia um lenço para manter a peça parada na cintura. Menos quando era o dia do batismo, porque os senhores os enfeitavam como se fizessem parte da nobreza. Observar essas diferenças me fez ficar ainda mais interessada e pesquisar a fundo. Quando eu vi, estava lendo um livro que contava a história da moda e beleza na Idade Moderna que, por sinal, falava sobre alguns hábitos bem estranhos que as mulheres tinham. Enfim, hoje o conteúdo de moda que eu mais consumo ainda vem do *TikTok*, mas a Malu Borges deu um espacinho na “*For You*” para a moça do perfil Curiosa Moda falar sobre os looks da Maria Bolena no século dezesseis.

O Velho Sofá da minha Avó

Gabriel Eid

Domingo, às sete horas da noite. Depois de muitas atividades, estou naquele momento melancólico de começo de semana. Poderia ler um livro, ver um filme ou mesmo fazer o trabalho pendente da faculdade.

Mas não, vou parar para ver a maratona da novela Senhora do Destino. Me pergunto por que eu gosto tanto de novelas, a ponto de passar o meu domingo à noite vendo uma reprise de 2004, que passou originalmente quando eu tinha só um ano de idade.

A resposta do porquê gostamos de fazer certas coisas podem, muitas vezes, vir de memórias e boas lembranças que temos do passado e que nos trazem uma sensação de conforto.

Com certeza, uma das pessoas que me ensinou a gostar de novela foi a minha vó Mariazinha. Guardo no meu coração as muitas tardes que passei em sua casa, seja nas temporadas que passava nas férias ou depois de voltar da escola, sempre com a televisão ligada na Globo, em alguma novela das seis, das sete ou do Vale a Pena Ver de Novo.

Quando paro para assistir uma novela no meu sofá, de alguma forma é como se algo me transportasse para o velho sofá da minha avó, para o barulhinho da sua televisão e para os momentos de paz e conforto que passei lá.

Sem dúvidas, o passado com as pessoas que amamos ajuda a moldar nossos gostos.

Nazaré fica em fúria e sai no tapa com Maria Cláudia. Isabel entra no quarto e tenta apartar as duas. Música de suspense. Termina o capítulo. Desligo a televisão e vou dormir, porque amanhã tenho que acordar cedo. Vamos ver se durante essa semana arranjo um tempo para visitar a minha avó. Graças a Deus ela ainda está aqui comigo e posso ver a novela com ela.

Apesar de Você

Guilherme Castro Sousa

“Apesar de você amanhã há de ser outro dia”

Chico Buarque

Já faz um tempo que venho escutando muito essa música. Acredito que em algum momento em 2018, essa música se prendeu a mim como uma forma de esperança que depois as coisas vão melhorar. E após altos e baixos, muito mais baixos do que altos, em outubro de 2022 um novo governo foi eleito e essa música fez mais sentido do que nunca, o amanhã finalmente tinha chegado.

Naquele dia eu estava perto da Avenida Paulista, então fui a pé no meio de toda multidão em festa assistir o primeiro discurso do presidente que tinha acabado de ser eleito. Por um instante todo o mal que eu havia passado parecia ter sido curado, os próximos quatro anos seriam melhores do que nunca. O amanhã havia chegado e o passado não tinha mais lugar.

Você já deve ter sua própria opinião do que aconteceu entre 2018 e 2022... Sua própria experiência pessoal e eu tive a minha. Não foram bons anos pra mim. Em todos os sentidos. A falta de esperança foi o que mais me marcou e em outubro de 2022 parecia que essa esperança finalmente tinha voltado.

Essa música foi feita em 1970, fez o maior sucesso e em pouquíssimo tempo depois foi censurada. Acho que não demorou muito para os censuradores perceberem quem era esse tão falado “você”. Pois bem, 54 anos se passaram e ela ainda faz o maior sentido. Ela é um dos meus pequenos confortos e um hino que toquei naquele dia de 2022.

A família do meu pai é de militares. Todos de baixa patente. Sempre estive um pouco dividido nesse sentimento pelo meu pai e o que eu aprendi na escola que me fazia sentir tanta revolta. Mas foi apenas nos últimos seis anos, acompanhando o noticiário que entendi que o amanhã que Chico canta na música nunca chegou de verdade. Pelos próprios comentários dos meus familiares quanto que dia sim, dia não, sai do jornal ficou claro para mim que no Brasil, as coisas nunca mudam de verdade. Passam-se quatro anos,

mudam-se as figuras políticas e o “você” que Chico canta na música nunca deixa de mandar e desmandar, constranger a República.

Estou produzindo esta crônica em 2024, ano em que fizemos 60 anos do golpe civil militar. E as vezes fico imaginando como seria se eu estivesse lá sessenta anos atrás, o que eu poderia fazer. Ir pra rua, tentar escrever, falar minha opinião na Rádio. Lutar o máximo que eu podia até acabar numa lista de desaparecidos qualquer, que hoje em dia ninguém dá bola.

A verdade é que eu provavelmente não faria nada, ficaria tão inerte quanto todos os outros.

Não fiz nada entre 2018 e 2022, fui para algumas passeatas, xinguei no *Twitter* e foi isso. O mundo não mudou. O que mais fiz foi ouvir essa música, ter um pinguinho de esperança de que as coisas iriam mudar. Sinto que isso é tudo que podemos fazer, dar o melhor que podemos dentro das nossas circunstâncias e ter esperança de que o mundo vai melhorar. Mas enquanto ele não melhorar de verdade e de uma vez por todas, eu vou continuar cantando.

O que Você Diria para o seu Eu do Passado?

Lorena Corona

Eu sinto muito. Sinto muito que eu não tenha conseguido te ajudar. Quem me dera eu pudesse viajar ao passado e te explicar tudo que você não entende. Sei que você acha que o constante cheiro de álcool, as brigas, os xingamentos e os copos quebrados são normais.

Também sei que você não vê injustiça ou problema em ter que cuidar de quem deveria cuidar de você, mas daqui uns anos você irá perceber que nenhuma criança deveria responsabilizar-se pela própria mãe, desmaiada no sofá, por conta da bebida. Apesar de fazer parte da sua rotina, você nunca deveria ter tido que limpar as manchas de vinho do chão e varrer os cacos de vidro de mais uma taça quebrada.

Como você nunca sabia quem iria encontrar do outro lado da porta, cada atitude tomada e palavra dita ao longo do dia era milimetricamente calculada. Lutar pela sobrevivência dentro da própria casa fazia com que 24 horas se transformassem em uma eternidade.

Claro que tudo piorou depois do divórcio e mais ainda depois que sua irmã saiu de casa. A partir desse momento, não tinha mais com quem dividir o peso do vício. Um vício, aliás, que nem era seu.

Antes disso, entretanto, teve uma noite que ficaria marcada em sua mente, como algo cravado em pedra.

Pela primeira vez, você realmente temeria pela sua vida. Mesmo hoje, quase dez anos depois, já não sendo mais você, revivo cada segundo dela.

Naquela noite, eu sabia que meus pais estavam brigados, mas não era nada que eu já não estivesse acostumada. Afinal, quase todos os dias seguiam o mesmo padrão de discussões intermináveis.

Mesmo assim, aquele era para ser um dia feliz. Iríamos nós quatro – o que era raro de acontecer – na locadora de filmes e eu poderia escolher dois *DVDs* para levar para casa. Ah, eu amava quando podia escolher os filmes. Eu sabia exatamente os títulos que eu queria, em qual seção eles estariam e qual o caminho exato que eu deveria fazer dentro da locadora para pegá-los.

Mas, quando entramos no carro, as pequenas discussões do início do dia se tornaram mais sérias e acaloradas. O tom de voz um pouco mais alto se transformou em uma série de gritos e as gesticulações assertivas quase se tornaram agressões.

No momento em que percebi que a briga seria feia, usei minha estratégia especial. Quando eu tinha que presenciar as brigas dos meus pais, fechava os olhos e fingia estar dormindo profundamente. Por algum motivo, isso tornava tudo um pouco mais fácil. De olhos fechados, eu costumava criar histórias na minha cabeça para tentar silenciar os gritos de fora.

Porém, naquele dia, eu cometi um erro.

Em dois segundos em que não houve nada além de silêncio, decidi abrir os olhos para ver se as coisas já tinham se acalmado. Mas, naquele exato momento, com o carro em movimento e no meio da estrada, minha mãe abriu a porta e ameaçou se jogar.

Eu fiquei completamente paralisada, sem conseguir falar ou agir. Me perguntava se aquilo seria realmente uma tentativa de suicídio ou apenas ameaças sem fundamento. Lembro de ver a porta do carro escancarada e o olhar de desespero do meu pai. Eu sentia meu coração palpitar e as lágrimas começarem a cair.

Não tinha ideia do que seria minha vida dali para frente e muito menos que essa seria uma daquelas memórias que tentamos esquecer, mas que sempre volta para nos assombrar.

Eu olho para esse dia, para você, meu eu de dez anos, e sinto tanta raiva. Você deveria ter vivido uma infância repleta de carinho, risadas e brincadeiras. Você deveria ter tido tempo para amadurecer e ter tido a oportunidade de aprender a viver aos poucos.

Eu sou você e você sou eu. Conheço toda sua história, de trás para frente, de cor e salteado. O que eu posso te dizer é que você é mais forte do que pensa. Seu passado não te define. Você não é o que o vício te fez.

Hoje você não está mais sozinha. Penso e oro por você todas as noites. Apesar de não poder mudar sua história, meu coração está sempre contigo.

Com carinho, Lorena!

Seis Horas da Manhã

Sofia Lanza

Silêncio às seis horas da manhã, mas ouço alguns pássaros ao fundo do quintal. De repente, o alarme toca.

– Ah que horas são?

Batidas na porta seguidas pela voz da minha mãe.

– Sofia, acorda!

– Já tô acordada!

Ué, cadê o Boni? mesmo abraçando ele antes de dormir, ele sempre acorda em outro canto. Ah, tá aqui no meio das cobertas. Meu primeiro bichinho de pelúcia e ele ainda se esconde de manhã pra não acordar. Em um sussurro, cumprimento ele.

– Bom dia, Boni! Cuida da minha cama até eu voltar tá bom?

Melhor levantar e ir tomar banho. A água está quente. Hoje tem aula do que mesmo? Segunda-feira... Matemática, ciências e artes. Tenho que avisar meus pais que preciso da cartolina pro trabalho de hoje. E acho que posso pegar o café da cozinha pra fazer aquela tinta natural para a aula de artes.

Desligo o chuveiro, vou até o meu quarto para pegar as roupas. Ah, mamãe já deixou os uniformes em cima da cama. Preciso guardar depois. Qual roupa que eu uso hoje? Será que hoje vai fazer frio? Ou vai chover? Melhor perguntar pro papai, ele sempre sabe do tempo, mas vou levar um moletom. Será que consigo vestir ele pelas pernas? Ia ser engraçado!

Vou até a cozinha falar oi pra mamãe. Quando me aproximo, já escuto os sons característicos da manhã na nossa casa, o chiar de ovos fritando, de minha mãe preparando a marmitta que vai levar para o trabalho. Os cheiros de café e tapioca enchem o ar.

– Bom dia, mamãe. Ainda tem café?

Hum, tapioca com queijo, leite com Nescau e banana. Mas acho que vou só tomar o leite, não estou com muita fome. Vou comer o lanche da escola.

– Cadê o papai? Ele está esquentando o carro? Já estou pronta, vou esperar com ele lá na garagem.

Quando abro a porta da garagem escuto o som do motor do carro, esquentando. Está frio, e me apresso para ir até o carro e me esquentar no banco macio. Queria que o dia começasse mais rápido pra poder brincar por mais tempo. ontem tava tão legal apostar corrida e brincar de pega-pega no pátio da escola. Se eu pudesse, queria ficar correndo o dia inteiro.

Barulho de trânsito às seis horas da manhã. De repente, o alarme toca, uma primeira vez e depois uma segunda. Acordo num sobressalto.

– Droga. Tô atrasada!

Saio correndo pro banheiro e entro debaixo do chuveiro. Nossa, já são sete horas e preciso sair em trinta minutos. Será que dá tempo de comer alguma coisa? Estou com tanta fome... Preciso de um café pelo menos, o da faculdade está muito caro. Tenho que anotar na lista de compra também, café e tapioca, resolvo isso no sábado depois da feira, hoje não vou ter tempo. Verdade! Não posso esquecer o *notebook* preciso fazer edição da página da revista pra aula de amanhã. A gente ainda não marcou reunião, melhor mandar mensagem no grupo. Desligo o chuveiro e... Droga! Esqueci de pegar a toalha, vou ter que secar o chão depois... ou ele vai secando sozinho, preciso preparar meu café primeiro.

Corro até a cozinha, abro todas as portas do armário procurando o que preciso para fazer o café. Encosto nos utensílios de cozinha que estavam cuidadosamente equilibrados no corredor de louças e de repente tudo desaba. Pelo menos achei o que precisava. Faço o café e coloco um pouco na caneca para esfriar. Enquanto isso, vou abrir a janela.

Começou a chover de novo. Melhor levar mais uma blusa de frio, mas não lembro onde ela está. Corro até o armário e começo a vasculhar nas gavetas. Para minha surpresa, encontro o Boni! Esqueci que tinha guardado ele aqui. Será que meu moletom secou? Vou ter que pegar no varal antes de sair. Faltam dez minutos. Acho que tô pronta, tomei café, peguei o computador, desliguei o fogão. O ônibus deve estar lotado... Não devia ter ido dormir tão tarde ontem, precisava sair cedo. Onde estão as chaves? Da última vez que as vi, elas estavam... Ouço o barulho de notificação do meu celular e olho na tela. Ah, hoje não tem aula. Não sei por que estou o tempo todo correndo.

Um Pedaco de História Empoeirado

Yasmin Araújo

As noites das férias de dezembro eram, de longe, as minhas favoritas. Naquele ponto já tinha virado uma tradição dos finais de ano: assim que o silêncio tomava a pequena vila interiorana de Olhos D'água do Antonio Francisco, todos nós nos reuníamos em volta do fogão à lenha da vó e costumávamos conversar horas a fio. Éramos em seis mulheres, minha avó e suas filhas, e um grupo de crianças do qual eu fazia parte. Durante aquelas últimas horas da noite, a arte de “prosear” ganhava significado na cozinha de azulejo branco e telhado avermelhado, típico das casas daquela região do nordeste.

O canto mais próximo ao fogão era sempre o lugar mais disputado. A lenha acesa mantinha o calor dos arredores e nos cobria de um vento gelado que entrava pelas frestas das portas e janelas.

Com muito cuidado para não acordar o vô No, que se recolhe todos os dias, até hoje, às oito da noite em ponto, falávamos bem baixinho. O papo sobre a vida, suas alegrias e desencantos só acabava quando o cansaço da inesperada “correria” da vida na pequena vila batia.

Em uma noite, que parecia ser apenas mais uma dessas da que estávamos muito acostumados, levei para o nosso ponto de encontro, o fogão de lenha da vó, uma caixa que havia encontrado mais cedo naquele dia.

Tinha passado horas garimpando, não sei o que, no quartinho onde se guardavam as parafernálias que ninguém tinha coragem de jogar fora. Mexendo onde não se deve, ação típica de uma criança curiosa, avistei a ponta de uma caixa de madeira clara e empoeirada em uma das estantes mais altas do cômodo. Tratei de alcançar o banquinho que estava próximo, subi e peguei o objeto. Olhei para a caixa em mãos com receio antes de abri-la. Quando finalmente tomei coragem, encontrei dentro dela uma pilha que, à primeira vista, parecia uma coleção de velharias. Fotos, folhas envelhecidas e pequenos cubos com uma circunferência transparente na ponta, que descobri mais tarde serem monóculos.

Quando olhei mais atentamente para a pilha, os rostos conhecidos da minha família foram tomando forma aos poucos. Em um dos registros fotográficos, encontrei

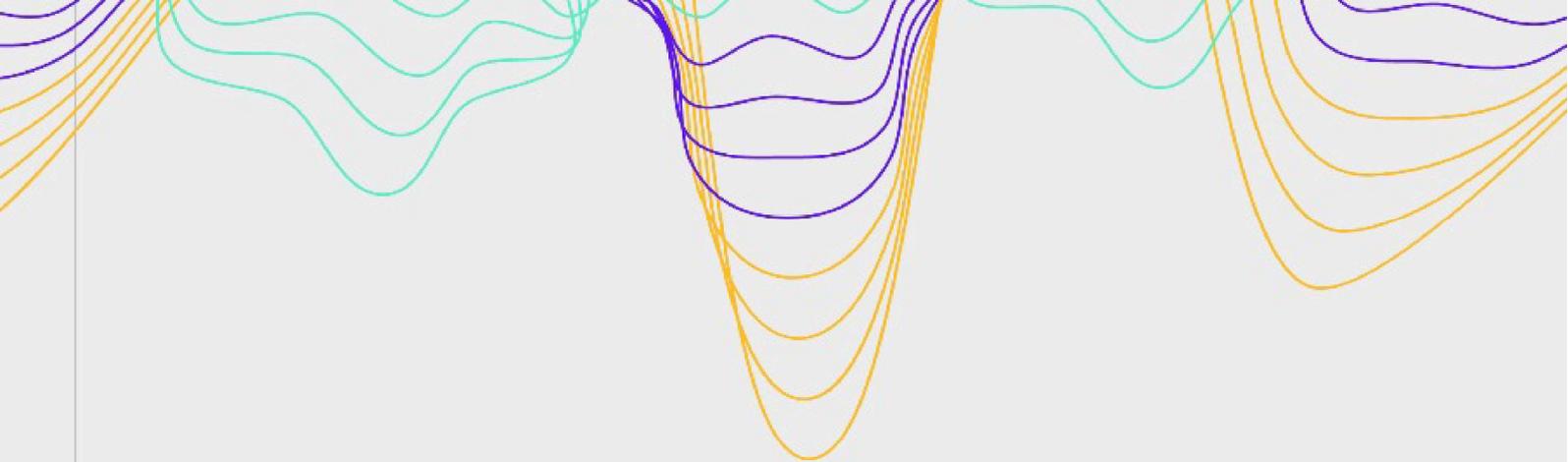
uma de minhas tias modelando um vestido rosa-brilhante no que parecia ser um baile de formatura. Os papéis, escritos com letra caprichada, eram redações produzidas na época do ginásio (atual ensino fundamental) por outra de minhas tias. Uma versão adolescente de minha mãe aparecia em uma das fotografias exibindo um cabelo que me lembrava muito do meu próprio.

– Filha, quando eu olhei o que tinha dentro daquela caixa passou filme na minha cabeça. Nossa! As fotos em especial me deram muita saudade da minha da minha adolescência! Dos bailes de formatura, dos colegas de escola... A gente ficou a noite toda contando os causos daquela época, foi muito especial, lembro como se fosse hoje.

A sensação era de entrar em um portal que me transportava diretamente para o passado. Uma maluquice!

Quando levei a tal caixa para o cômodo onde aconteciam as reuniões noturnas, foi um espanto. Mas não do tipo ruim. Todos olhavam com fascínio aquelas peças de um passado guardado em uma caixa abandonada em um quarto que tinha se tornado o da bagunça.

No restante da noite, que pareceu ser mais longa que o normal, o sentimento de nostalgia tomou conta daquele lugar. Eu escutava com encanto as histórias de um passado que nunca vivi, mas pude acessar através de pequenos fragmentos. Talvez tenha nascido ali paixões das quais sou tão devota até hoje. Paixão pelo passado, pela prosa, pelo registro fotográfico e pela escrita.



Sentimientos

Tristeza Amarga

Clarisse Macedo

O galo cantou ao longe e, depois desses vinte e nove dias, já parece parte da rotina amanhecer assim. Mas numa olhada rápida no celular, vejo a data e acabo lembrando que essa é a última manhã nesse ritmo.

Aí eu levanto e abro a cortina que simula a porta do quarto. Nem a umbuzada no café da manhã parece doce. Uma vitamina aveludada que minha vó faz com umbu, uma fruta típica da caatinga. É que, no último dia, tudo parece amargo mesmo.

Mesmo as horas, que costumam passar bem lentamente e permitem que a gente sinta cada milésimo de segundo; mesmo elas parecem amargas, porque, durante essa manhã, tudo está passando muito mais rápido, como geralmente é no dia em que eu tenho que dizer “tchau”.

Aí meus tios começam a chegar. Fico pensando que eles interromperam o trabalho na roça para, com olhos lacrimejando, dizerem “Vai me desculpando aí qualquer coisa, minha filha”. Eles sempre pedem perdão quando estamos nos despedindo, e eu, envolvida no abraço, e já chorando, nunca entendo o porquê.

No fundo, sei que não quero acreditar que no dia seguinte já vou estar em São Paulo de volta à correria, aos dias que mais parecem ter umas dez horas, no máximo. Não quero acreditar que talvez dali a uma semana, ou até menos que isso, eu já nem vou ter mais tempo de sequer lembrar dos dias no sertão.

sei onde eu guardo tudo isso que vivo e sinto ali. Nunca sei quando vou voltar a viver e sentir o que sinto ali. Acho que esse “adeus”, sem data de retorno, amarga também.

Abraço um por um e peço: *bença*? Eu choro, eles choram também. Abraço a vó e o tio Dedé. Acho que uma dor nunca foi tão bela. Caminho em direção ao carro e olho para trás como se fosse a última visão daquela casa, daquele pé de tamarindo, daquelas cadeiras de balanço.

Eu não quero dizer nem assumir isso em voz alta, mas eu sempre juro que, nesse momento, eu sinto quase a mesma coisa que meu pai sentiu, aos 19 anos, quando deixou sua mãe e seus doze irmãos para atravessar o país por um emprego em São Paulo, depois de a seca de 1993 acabar com os gados e as plantações.

Aí eu penso que ele deixou tudo isso numa época em que só a camada mais alta da sociedade tinha acesso ao telefone, e as cartas demoravam cerca de um mês para chegar lá. E, mesmo assim, até escrever não era para todo mundo, porque ele só havia estudado até a segunda série com uma parente que alfabetizou ele, os irmãos e os primos numa capela que havia ali perto.

Entro no carro e sinto a tristeza de dar o primeiro passo para ir para mais de 2600 quilômetros dali; ir para mais longe das pessoas que eu mais amo. São pelo menos três horas de viagem até a cidade com aeroporto mais próxima, numa estrada de chão em que o carro fica galgando até finalmente chegar no asfalto.

A cada movimento mais brusco, tipo uma freada ou quando o carro passa por cima de uma pedra, o rádio que toca uma faixa do Amado Batista falha. Até esse som está amargo.

Chegando no aeroporto, cada passo em direção ao avião parece ter o peso do mundo inteiro.

Já no assento do lado da asa e com o avião decolando, eu olho para aquela cidade que fica cada vez mais distante e imensa.

Penso no meu pai; ele vai me buscar no aeroporto no dia seguinte. Sei que vamos conversar sobre como nos sentimos mais humanos nos dias em que passamos aqui. Sei que ele vai contar do que ele leu uma vez na faculdade de Letras sobre Antônio Cândido dizendo que o *centro urbano desumaniza o homem*.

De certa forma, sinto que, quando volto para cá, deixo uma grande parte do meu coração, muito mais pulsante e viva, entre o Pernambuco e o Piauí, naquele interior chamado Solidade, em que meu pai cresceu. E, secretamente, guardo uma pequena parcela de tristeza na outra parte do coração, aqui em São Paulo, por não poder encontrar minha vó e meus tios e pela distância.

O episódio conta com vozes e sons gravados nas minhas últimas viagens ao Piauí.

Alegria de Fã (Não) Dura Pouco

Gabriele da Luz Mello

Alegria de fã dura pouco. Quando digo isso, não é sobre acontecer algo ruim, mas sobre amnésia pós-show. Era 2019 quando o *McFly* resolveu voltar ao Brasil. Eu nunca tinha sentido tanta alegria de fã. A última vez que eles vieram ao Brasil foi em 2012, eu era criança demais para ir. Por causa da pandemia de Covid-19, o show aconteceu só em 2022.

Foram anos esperando aquele show. Horas numa fila, sentada na calçada, esperando que abrissem as portas da casa de show; eu conseguia sentir um quentinho no coração, um frio na barriga e uma sensação de que a alegria de estar ali não cabia em mim.

O show começou. Seria um bom show. Eu não gostava tanto da primeira música que eles tocaram. Não é o fim do mundo, ainda seria um bom show.

Na segunda música, foi tudo abaixo. Quando eu ouvi os primeiros acordes, eu sentia tanta felicidade, mas tanta felicidade por causa daquela música, que desabei. Eu chorei de alegria o show todo. O único problema é que essa é a minha única lembrança do show inteiro. Foi nesse momento que percebi o quanto a minha felicidade tinha me sabotado.

Nunca esperei isso de um sentimento que se diz tão “positivo”. Se eu pudesse conversar com uma personificação da felicidade – como a do filme “Divertidamente” –, eu exigiria minhas memórias de volta. Eu consigo visualizar: assim como no filme, as minhas memórias sendo sugadas por um tubo e desaparecendo para sempre.

No fim, as lembranças que ficaram foram só dos sentimentos, principalmente a alegria. O *McFly* ainda voltará outras vezes para o Brasil. Dessa vez, espero entrar em um acordo com a minha alegria. De que ela deixe um espaço para a memória. Talvez não seja ela que dure tão pouco.

Dentre Tantas Respostas... o Tédio

Láisa Dias

Era uma tarde ensolarada de junho de 2019. Ou não? Talvez fosse uma noite fria de um sábado esse ano. Eu não tenho ideia.

Não importa. Eu me lembro que estava deitada. Talvez em pé escorada na parede do meu quarto. É. É isso o que esse sentimento faz com a gente, não sabemos quando, como ou onde aconteceu. Ele não é importante e quase nunca traz boas histórias pra contar. É simplesmente... tedioso.

Eu acredito que o tédio seja o que precede todos os outros sentimentos; ele aparece antes de cada noite sem dormir ansiosa para o que vai acontecer no segundo seguinte. É o mesmo tédio que te coloca em horas de procrastinação e depois mais horas de culpa por não ter feito nada.

Eu começo o dia demorando para me levantar, deitada há tanto tempo que consigo sentir os meus músculos pedindo socorro. Anestesiados. Não é como se eu não tivesse trabalhos para entregar ou uma pilha enorme de roupas para dobrar. Mesmo assim, não tem nada que eu possa fazer que me tire o sentimento de não ter nada para fazer.

As ações mais simples como escovar os dentes ou tomar banho se tornam as mais lentas do mundo. E já é uma da tarde. Acordei às sete da manhã, mas todo esse tempo eu passei entre rolar o *feed* do *Instagram*, passar vídeos aleatórios no *TikTok* no modo silencioso do celular, olhar para as fotos em minha parede. Pensando assim, até que fui bem produtiva: em um período de quase seis horas, eu consegui me casar vinte vezes, com uns cinco famosos diferentes, uns dois desconhecidos, de vinte formas diferentes.

Eu coloquei uma *playlist* e, em menos de trinta minutos, me tocava de que não estava ouvindo o que passava em meus fones. Fui novamente tocada por aquele sentimento e aquela sensação enfadonha... entediada.

A essa altura já tinha passado das duas da tarde e eu gentilmente desistia de tudo aquilo. Se antes eu estava andando pela casa sem rumo, para não voltar para a cama, agora eu podia me jogar no colchão e passar horas naquele estado de espírito. Eu já podia sentir meu corpo doer de ficar parada da mesma forma, esperando o tempo passar.

E aqui chegamos ao primeiro – e muitas vezes único – passo dos dias tediosos: voltar para as redes sociais. Talvez, se em um dia de pura ansiedade, eu não tivesse assistido de uma vez a todos os episódios daquela série, eu teria algo para fazer agora. Mas eu não tenho e escolho não ter.

Já passou das seis da tarde. O tédio não me deixou comer ou beber nada, alternando entre ver *TikToks* e abrir todos os aplicativos de mensagens vendo, esperançosamente, se me enviaram alguma mensagem. Não enviaram. E eu voltei para os vídeos passando na tela.

Muito provavelmente você já está entediado de me ouvir, mas você está aqui então sinto em dizer: isso é um sinal. São onze da noite. Tudo ocorre da mesma forma, nada muda e nada vai mudar nos próximos trinta segundos, quando eu resolvo assistir mais de trinta segundos de um vídeo. Era um trecho de uma entrevista, a rotina de alguma pessoa muito diferente de mim, algum tutorial de beleza, uma leitura online de tarô.

Agora eu sentia finalmente o tédio indo embora e se tornando algo diferente depois daquele vídeo. Eu sentia que agora, ao invés de não ter nada para fazer, eu tinha muitas perguntas a responder. E nesse instante eu sabia que, pelas próximas horas, o que me manteria acordada não seria mais o tédio. Alguém consegue adivinhar o que é?

Calma, Pode Respirar!

Livia Lemos

Era sexta-feira de madrugada, quando alguém gritou pelo meu irmão no portão de casa:

– *Vai, carai. Quero meu dinheiro aí, seu arrombado.*

Abri meus olhos no suspiro, com uma velha e conhecida aflição tomando conta do meu ser.

Quem seria? Pergunta difícil. Mas pelo tom de voz, já sabia sobre o que seria. Alguém cobrando meu irmão por alguma dívida que ele devia. Mais um desses casos onde a pessoa pega um dinheiro emprestado com alguém errado e não paga. E não importa o valor, seja dez, vinte, trinta reais... qualquer quantidade em dinheiro não resolvida já é motivo de cobrança na porta de casa de alguém de madrugada. Pelo menos aqui, é assim que funciona.

Mas, como sempre, deixei para a matriarca, a responsável pela casa e por todos os *B.O.s* que envolvessem meu irmão, atender. Voltei a dormir enquanto ouvia ela pegando as chaves e caminhando até o portão, dizendo que seu filho não estava.

Mas não consegui dormir, os gritos que vinham de frente de casa não deixavam.

– *Vai, meu! Olha, seguinte, quero meu dinheiro. Você é a mãe do Paulo César, né?*

Ainda deitada na cama, conseguia ouvir minha mãe tentando acalmar o cara. Para mim, ela não tinha nenhuma obrigação de justificar atos de uma pessoa para outra. Mas quando se é a mãe do causador de problemas, parece que tudo sobra para você.

Estava com muito sono, mas consegui compreender um pouco da discussão que rolava no portão. Minha mãe explicava, entre uma tentativa e outra, que seu filho não estava em casa, que ela tinha chegado tarde do trabalho, cansada e com sono e que não sabia dessa dívida. Também dizia, na tentativa de dispensar o cara, que teria que trabalhar no dia seguinte.

Mas o cara insistia. Queria o dinheiro dele e, sem baixar a guarda, aumentava seus gritos.

Peguei o celular, 3 horas da manhã. Tive que ir ajudar minha mãe, senão, nenhuma de nós duas conseguiríamos aproveitar as poucas horas de sono que ainda nos restavam para dormir.

Mas assim que saí pela porta, rumo ao portão, vi que a situação era mais grave do que eu poderia imaginar. Quando me viu, o cara rapidamente escondeu a mão direita no bolso do short. Mas isso não impediu que eu visse a arma em sua mão.

Congelei naquele momento. Fiquei paralisada. Meu coração acelerou a 120 por hora, assim como meus pensamentos, que se multiplicaram em várias vozes tentando pensar no que fazer.

A discussão parou, pois o cara não parava de olhar para mim. Consegui sentir o medo saindo do corpo da minha mãe assim que ela acompanhou os olhos dele e me viu. Seu rosto denunciava o pavor que havia em sua alma. Ela me disse para eu voltar para casa, que estava tudo certo, mas eu não consegui me mover.

Foi só ela dizer isso que, novamente, a discussão voltou. Não eram trinta reais. Eram cem. E enquanto ele não recebesse, ele não iria embora.

Sabe aquele meme do “*E agora, que que eu faço?*”, pois é, foi o que eu pensei na hora. Mas o que eu poderia fazer? Negociar com o cara? Chamar a polícia? Pedir ajuda dos vizinhos? Sair correndo e deixar minha mãe? Não. Nenhuma dessas opções. Mas sim fazer o que a gente sempre fazia nessas situações: orar.

Enquanto eu orava, na mente, minha mãe continuava a argumentar com o cara. Depois de muito tentar, ele aceitou ir embora, na promessa de que voltaria depois.

Eu e minha mãe nos encaramos e voltamos para dentro de casa. Não trocamos nenhuma palavra. A humilhação que sentimos já dizia todas as palavras possíveis. Ela foi para o quarto, tentar dormir. Eu decidi ficar na sala, sentada no sofá.

Decidi culpar a Deus, Ele não estava ouvindo minhas orações.

Mas na hora que pensei isso, lembrei de uma coisa. Se meu irmão estivesse ali, ele poderia ter morrido. Mais uma vez, senti o medo, em forma de uma mão, agarrando e esmagando meu coração. Imaginei a cena de perder meu irmão no portão de casa. Ele estirado no chão com uma bala no seu corpo e sangue jorrando por toda parte. Minha mãe chorando e eu desesperada, sem saber o que fazer. Isso me deu calafrios.

Respirei fundo e fui pedir obrigada a Deus. Fechei minhas mãos e...

Acordo no suspiro, com o celular despertando, 5h30 da manhã. Desligo o despertador e coloco a mão no coração.

Ele ainda bate rápido. Passo a mão na testa, limpando o suor quente que desce pelo meu rosto. Inspiro com calma e respiro lentamente, na esperança de que, enquanto solto o ar, toda aflição, agonia e pânico sejam também expelidos para fora do meu corpo. Foi apenas um pesadelo. Uma triste lembrança que vivi quando tinha seis anos. Nada daquilo é mais real.

Seis anos. Mas nesse sonho, eu não tinha o corpo de uma criança; pelo contrário, eu tinha a fisionomia de hoje. Será que está acontecendo agora? Minha mãe está no portão tentando convencer alguém como aquele cara a ir embora? Ou será que ainda estou sonhando?

Levanto-me e corro para o quarto da minha mãe. Ela está bem, dormindo ainda.

– *Calma, Livia, pode respirar. Está tudo bem!*

E meu irmão, como ele está? Dormindo.

Ele está bem. Ele mudou. Ele não é mais o velho Paulo César. Calma Livia, pode respirar.

Um Trajeto Nada Agradável

Nathalie Cristiane Rodrigues

Chega a ser um sentir físico, como se meu corpo tentasse repelir algo que nem sequer está em mim.

São seis e meia da tarde e ainda falta cerca de metade do trajeto até eu chegar em casa, o que dá pelo menos mais uma hora.

O problema não é a gritaria, a quantidade de assentos insuficiente para todos os passageiros ou até mesmo o fato de eu estar em pé por um bom tempo.

O que mais me incomoda é a quantidade de cheiros, tornando quase identificável ou pelo menos dedutível qual foi a atividade do dia de cada passageiro.

O calor também não ajuda, hoje a máxima é de 32°, o que intensifica, mistura e espalha os cheiros com muita eficiência para o meu desespero.

Fecho os olhos e tento respirar pausadamente, segurando por um breve momento ao soltar o ar para adiar a próxima respiração – não é uma boa ideia.

Na tentativa de espairecer, falho miseravelmente, a imagem mental de uma praia paradisíaca não combina com os estímulos olfativos que recebo.

Paramos para aguardar a liberação do trecho à frente.

Pronto, meu desespero aumenta. O vagão está úmido e o ar condicionado parece falhar em um ambiente que já está quente e abafado.

Como se não houvesse como piorar o ar que já parece misturar vários tipos de fluidos corporais, principalmente suor.

A sensação é quase claustrofóbica, salvo que respeitam meu espaço pessoal por cerca de cinco centímetros, pois hoje é um dia mais calmo.

A respiração próxima de mim também tem cheiro; infelizmente, hoje não é um bom dia pra testar meu olfato.

O ar condicionado falha novamente e eu não consigo pensar no que vou jantar quando chegar, pois tudo me causa repulsa.

Não que eu esteja doente, mas meu apetite é afetado pelo sentimento mais primitivo de defesa: nojo.

E antes que você pense que é frescura minha, eu geralmente não faço caso com coisas nojentas, mas o cheiro é minha maior fraqueza.

É quase como se eu pudesse sentir o gosto, e a fome mantida pelas últimas seis horas passa, meu estômago reage como se quisesse expulsar algo.

Suor com vestígios de perfume, suor puro, urina, plástico de má qualidade aquecido, meias sujas, gordura, e outras coisas expelidas pelo corpo – não duvido de nada.

Alguma coisa aconteceu nesse vagão, mas não quero saber o que, para não acabar contribuindo com a piora dessa mistura horrorosa.

Próxima estação/Next station

A porta abre e finalmente posso descer e respirar ar puro.

Antes de entrar na outra caixa metálica que vai testar meus sentidos mais uma vez pela próxima hora.

Coração Batendo Forte... ansiedade

Osmar Neto

Ansiedade: grande mal-estar físico e psíquico; aflição, agonia. No sentido figurado, desejo veemente e impaciente. As duas se encaixam, mas eu prefiro a segunda definição.

Primeiro domingo.

Faltam poucas horas e eu mal posso esperar; mas aguardei oito anos, a ansiedade tenho que aguentar.

Vai começar o jogo, o primeiro tempo de longos 180 minutos, no mínimo... para que tanto?

Sempre com a camisa branca e a alma alvinegra.

Apita o árbitro e não dá pra ficar parado, fico de um lado para o outro.

Domingo de Páscoa e o churrasco lotado, mas parece mágica... só existem eu e o Santos.

Só três minutos de jogo e o coração para: lançamento na ponta esquerda e o Flaco corre em câmera lenta.

O tempo não passa, a bola não corre e eu, ansioso para poder respirar. O sonho não podia acabar tão cedo.

DEFENDEU João Paulo! Mais uma vez o Papa salva.

Vamos lá, segue o jogo.

Santos vem pra cima, Joaquim arrisca de longe e Weverton defende. Guilherme puxa pra direita e solta a pancada, até a trave ficou com medo... foi pra fora. Falta pro peixe, quem sabe com Otero... e mais uma defesa. Pressão total do Santos: um, dois, três, quatro, cinco escanteios, sem resposta alviverde. Inacreditável, decisões precipitadas... a pressa de fazer o gol, e o juiz apita, zero a zero por enquanto.

Quinze minutos de descanso para o coração, já que o corpo continua inquieto.

Recomeça o jogo, precisamos de vantagem.

Bola na esquerda, para o subestimado Guilherme, que até agora tem passado despercebido pela mídia, mas eu sempre soube do que ele é capaz.

Vamos de novo, bola na esquerda para o Guilherme, que deixou Marcos Rocha no chão e como se fosse uma máquina precisa, colocou a bola na cabeça de Otero. Santos um a zero.

O corpo explode, mas por um breve momento. A lucidez retorna ao corpo e ainda falta muito. Agonia fica cada vez maior, vem Palmeiras... pela esquerda, direita, por cima, por baixo e dá-lhe defesa do João Paulo. Acaba logo, Flávio, eu te imploro.

Ufa, vencemos a primeira batalha.

Ufa? Ufa nada, absolutamente nada, é isso que temos.

Isso e uma semana pela frente. Faltam seis dias, 22 horas e três minutos.

Segundo domingo.

Não sei dizer se uma semana passou, se foi um mês ou se já sou avô.

Sei que o jogo ainda não chegou.

No tempo terrestre, falta menos de uma hora... não sei se vou aguentar, se chego vivo lá.

Agora é orar, rezar ou sei lá. Não me importa a sua religião.

Mas não aguento mais sentir essa ansiedade para ver o Santos campeão.

Controle Automático

Ricardo Thomé

Hoje em dia tá todo mundo muito estressado, né. Estamos o tempo inteiro pensando no antes, no agora, mas principalmente no futuro. Não largamos nossos celulares a menos que apontem uma arma para as nossas cabeças – às vezes literalmente – e olhe lá! É uma dependência tão grande que fugir dela beira o impossível. Afinal, podemos até passar o dedo menos vezes pela barra de rolagem que, ainda assim, estaremos sendo estimulados por algo direta ou indiretamente relacionado aos nossos estudos ou ao nosso trabalho. Dependendo da profissão, então, mesmo o lazer acaba sendo um complemento. É uma guerra pra ver quem faz antes, quem compartilha antes, quem posta antes.

E é nessas que o cansaço – físico e mental –, a irritação e o *stress* vêm. Sou meio contra usar a palavra *stress* e não é nem tanto pelo estrangeirismo. É que no oitavo ano a professora Regina de Ciências batia muito na tecla de que nos apropriamos de um vocabulário biológico e o colocamos na vida cotidiana. Nem sei se é verdade, mas fato é que isso não saiu da minha cabeça. Mas ok, vamos de raiva, então – que acho que é ainda mais profundo. Quantos de nós não descontamos nossa raiva em quem mais amamos? Em quem mais nos ama? Somos grosseiros, ingratos, agressivos, ousados – até demais. E muitas vezes não sabemos nem o porquê. É uma mensagem que lemos, um *post* pela metade, um grupo de mensagens. Aquilo nos possui de tal forma que a sensação é a de ter que liberar aquilo sobre a primeira pessoa que aparece à nossa frente. Mas é claro: não dá pra fazer isso com todo mundo, então guardamos pra quem aguenta o tranco. E aí você pode escolher quem quiser: amigos, família, namorados, cônjuges, confidentes... mas normalmente quem leva de graça é pai e mãe mesmo – pelo menos no meu caso. Parece injusto, e de fato o é. Mas é justo por termos certeza desse amor que nos permitimos compartilhar essa dor.

Admitir que faz sentido, porém, não é sinônimo de passar pano ou dizer que “não foi possível controlar”. Meu pai, um adepto da prática que acabamos de mencionar, fala com propriedade que sim, não só é possível como o fazemos todos os dias, com nossos professores, chefes, clientes, colegas menos próximos. E aí a contradição é exposta

novamente. Sim, ferimos quem mais amamos porque a cicatrização é imediata. É quase um contrato não escrito que diz que tudo bem. Hoje sou eu, amanhã será você. É o revezamento da raiva. A cada dia alguém se entristece com algum revés paralelo e como resultado se enraivece com os demais – e nós (ou eles) que lutem! É algo tão instintivo quanto qualquer reação animal. Mas que dá pra conter, que dá pra controlar, ô, se dá. Afinal, de alguma coisa tem que valer a suposta racionalidade do Homo Sapiens, não é mesmo?

E esse controle é tão espontâneo que às vezes colocamos limites até mesmo dentro dos que amamos. Há algumas semanas, o meu time perdeu o primeiro jogo da final do campeonato estadual. Mais do que isso, jogou pessimamente. Assisti à partida ao lado de minha avó, que tem 91 anos e com quem partilho várias histórias, vendo jogo no sofá – das mais alegres às mais deprimentes –, além de algumas superstições. Jogo contra o Corinthians, por exemplo, ela não pode ver! Agora, contra Santos e Grêmio, ela é a companhia ideal. Em um momento de efusividade, com o meu time perdendo, os comentários sem sentido, as risadas no pior *timing* possível, as perguntas a cada *replay* querendo saber se era mais um gol do adversário... tudo aquilo seria digno de reclamação da minha parte. Não o fiz. Nem mesmo quando eu disse “gol deles” e ela, longe da flor da audição, retribuiu com “trouxe um bolo de mandioca delicioso, Ricardinho!”. Com ela, eu só não consigo. E o controle, tão enferrujado que parece ser às vezes, se torna automático. Uma semana depois, vimos o jogo da volta juntos e não deu outra: virada e título. À propósito, enquanto tentava gravar esta crônica pela enésima vez, fui interrompido pela voz dela falando ao telefone com alguém e tive que regravar logo quando estava ficando boa. Mas tudo bem, sempre é tempo.

Somos estressadinhos, muitos de nós. Aqui em casa, somos estressadinhos, todos nós. Então, não se trata aqui de fingir que não existe ou de robotizar o cotidiano, mas de revelar essa reflexão para que saibamos como reagir. Tudo isso parece óbvio, mas não é. Erremos, mas tentemos, respeitemos. Nem se tivermos que fingir que todos ao nosso redor são idosas de 91 anos que não distinguem o ao vivo do *video-tape*. Aliás eu fiquei pensando aqui... será que na cabeça dela todo jogo termina cinco a cinco?

A Inveja é Culpa Sua

Thais Aya Morimoto

O ensino médio. Um dos meus espaços favoritos. Apenas alguns segundos e já vejo vários adolescentes que querem a todo custo ter a vida de outra pessoa, um cantor talvez, um parente distante ou até mesmo alguém da própria turma.

Ando e entro na minha sala favorita. Vejo a mesma garota no canto direito, perto da janela. Finge que está olhando para o lado de fora. Mas, sinto o sentimento emanar de longe, me alimentando. Um sentimento cruel e perverso que aparece em seus pequenos olhos. Pena que ninguém parece perceber.

Amanda é assim desde que entrou na escola. Meio sozinha mesmo. Como sente falta da outra. Ontem mesmo a garota viu fotos das duas melhores amigas da antiga escola, ou será que seria ex-melhores amigas? Enfim, pouco importa. Mas a garota viu uma foto das duas meninas com outras duas garotas no cinema. Como pareciam animadas e felizes. Amanda podia até ouvir a voz das amigas na foto: *Esse foi um dos melhores dias das nossas vidas*. As garotas foram assistir a um filme que Amanda queria muito ver. Que tristeza! Nem a convidaram. Quando questionou as amigas, não quiseram dizer a verdade. Falaram que decidiram de última hora e não deu tempo de convidá-la. Ai, ai, Amanda não queria se sentir assim, insuficiente, inútil e, principalmente, deixada de lado. Mas como evitar? As amigas que causaram isso quando não pensaram nela.

Agora, para quem Amanda está olhando? Cada dia é uma pessoa diferente, é até difícil de acompanhar. Parece que gasta mais tempo olhando os outros do que vivendo. Hoje é para os cinco amigos inseparáveis que estão justamente conversando sobre ir ao cinema à tarde. São pessoas que já tentaram se aproximar de Amanda. Mas não deu certo.

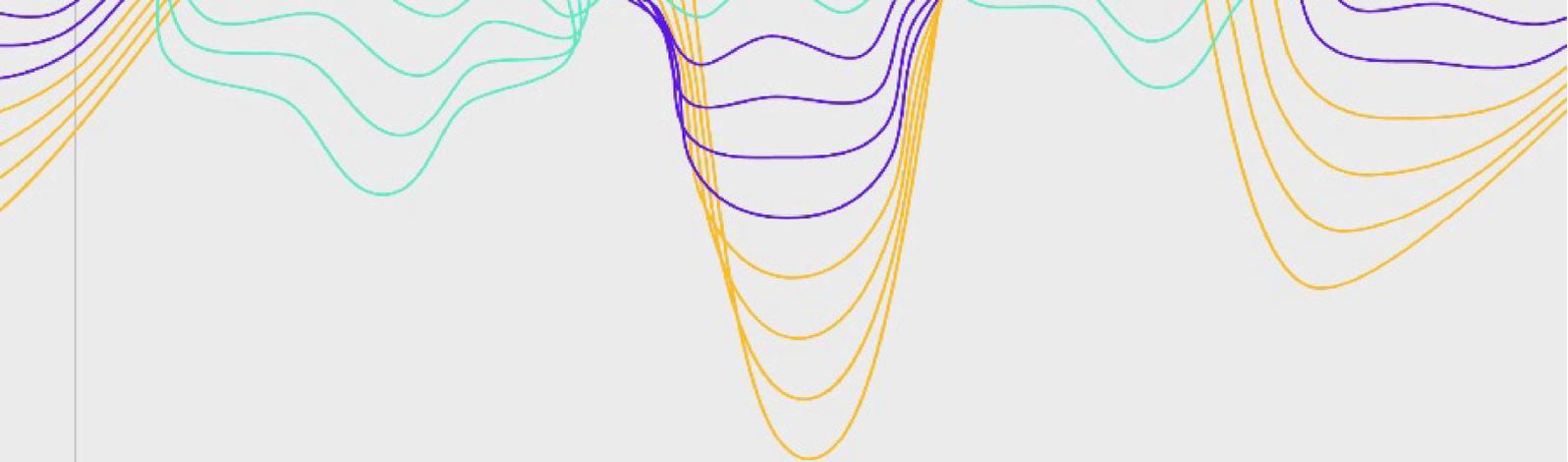
A vida de Amanda é bem diferente de cada um do grupo. Nem para eles tentarem se enturmar. Perguntam coisas que Amanda não tem como responder. “Amanda, você viu *Divertidamente 2*? E a nova música da Taylor Swift?”.

Que besteira! Eles sabem que ela não consegue ver os filmes que eles assistem porque não tem as plataformas digitais. Muitas vezes também precisa cuidar da casa, arrumar, fazer a comida para a família. Afinal, não é como eles, uns desocupados, mimados, que não têm mais o que fazer. Os pais de Amanda são super ocupados.

Trabalham o dia todo. Da manhã até a noite. Só consegue falar com eles no fim de semana. Porque chegam tão tarde que ela já está dormindo.

Bem diferente das pessoas de sua turma. Eles têm tempo para tudo que querem. Vivem indo uns para a casa dos outros. Não precisam cozinhar nem limpar. Ganham mesada. Ganham inúmeros presentes. Saem para passear com a família até durante a semana. Por que, porque os seus pais não são como os dos outros? Amanda sabe que seus pais dão o melhor que podem, mas não consegue evitar o olhar de inveja para todos da turma.

Ai ai, se Amanda soubesse que nem todos são tão ricos assim, nem todos são tão diferentes dela como pensa, isso de fato me destruiria. Espero que Amanda continue como é, afinal, como é bom ser a inveja em um espaço como esse, em que até a respiração do colega se torna motivo para inveja.



Primeiras Vezes

Um Dia Especial

Ana Mércia Brandão

Foi a primeira edição do *Primavera Sound* no Brasil e foi, também, o seu primeiro festival. Convenceu uma amiga a se juntar a ela e, pronto, estava certo, iria. Saiu mais cedo da aula e foi até a bilheteria comprar seu ingresso sem as taxas absurdas do site online, no primeiro dia de vendas.

À medida que o dia se aproximava, uma coisa era certa: queria ficar na grade. Era essencial ficar o mais perto possível de suas artistas favoritas para garantir uma boa visão. Chegar tarde e ficar atrás era um luxo que apenas pessoas altas poderiam ter. Seus pouco mais de um metro e meio de altura no centro de uma multidão garantiriam apenas uma boa olhada em algumas nuças e na parte de cima do telão, e olhe lá.

Por volta do meio-dia do seis de novembro, após dois ônibus e um metrô, chegou a seu destino. Os portões tinham acabado de ser abertos e havia pouca fila. A entrada foi tranquila. O foco era certo. Chegar o mais rápido possível no palco do meio. Havia três. Era lá que veria sua artista favorita, a neozelandesa Lorde.

Deu certo, havia conseguido a grade. Mas, descobriria ao longo do dia, esse era apenas o primeiro passo. O verdadeiro desafio era mantê-la até às dez horas da noite, quando se encerraria o show de Lorde.

Iniciado o primeiro show, às 14h, a multidão ainda estava tranquila. No segundo, foi difícil se manter acordada para assistir ao Terno Rei, banda de um show repleto de músicas lentas, genéricas e não muito inspiradas.

Sobreviveu, mas o palco lotava cada vez mais. Já eram cerca de 17h. Seu lugar na grade ainda se mantinha, mas percebeu que travava uma guerra fria com todos ao seu redor. Estava rodeada de pessoas que esperavam apenas um descuido para tomar seu lugar. No intervalo entre shows, não havia espaço para sentar-se e descansar.

Depois percebeu que não podia julgá-las, afinal, todos estavam unidos por seu amor por aqueles artistas. No momento, no entanto, só queria dizer para se afastarem, pois aquele era o seu momento. Entre um empurra aqui e outro ali, sobreviveu até chegar o show de Lorde.

O aplicativo do clima decretava o frio, mas na multidão fazia calor. Não pelos princípios físicos conhecidos no Fundamental, mas pela energia de todos. Pela certeza de um dia especial.

O dinheiro pode comprar a estrutura, o som de qualidade, o show em si, mas nunca o carinho do artista. Esse tem que ser conquistado. Merecido. No momento que sua artista preferida aponta para você no meio do show, por um rápido segundo, como se dissesse: “Eu te reconheço! Eu te vejo cantando a plenos pulmões essa música que eu nunca toco nos shows e eu te reconheço!”, aí sim você entende que ganhou. E que todo o gasto e as horas em pé lutando pelo seu lugar na grade valeram a pena. Esse foi um dia especial.

Um Sonho Concreto

Camilla Almeida

Moro em São Paulo há vinte anos e nunca havia visitado a Cidade Universitária antes de ver meu nome na lista de aprovados da Fuvest. Acredite ou não, mas eu nem ao menos sabia desse ponto verde em meio a selva de pedras que é capital paulista. O motivo não é por desinteresse ou ignorância – muito pelo contrário. Fato é que a USP sempre pareceu um sonho distante para mim, como se uma vaga na melhor universidade da América Latina fosse almejar demais, pedir demais para a vida. Como uma pessoa que odeia ter suas expectativas frustradas, sempre me pareceu lógico ser mais racional com relação à minha vida pós-colegial, já que nunca havia sido a aluna número um da sala e tinha uma certa dificuldade com basicamente todas as matérias que não fossem de Humanas.

Porém, fiz a inscrição, passei para a segunda fase e no dia onze de fevereiro de 2022 a aprovação veio. Um misto de emoções passou pela minha cabeça, mas a surpresa definitivamente foi a que mais prevaleceu. Corri para recolher os documentos para a matrícula e, assim que a loucura da notícia passou, comecei a me perguntar sobre informações simples, mas que eu nunca havia tido a necessidade de ir atrás: Como eu chego na USP? Onde ela fica? O que significa estudar na ECA? Foi aí que soube da Cidade Universitária e toda sua beleza. Lembro de pensar: “Nossa, como pode um campus com essa dimensão?”. Parecia cenário daqueles clássicos filmes adolescentes estadunidenses.

A primeira visita à Cidade Universitária veio duas semanas depois da minha aprovação, em um sábado ensolarado e quente que colaborava com a minha idealização de cena de filme. Era por volta das nove da manhã quando entrei no carro com meus pais e dirigimos até o bairro do Butantã – que conhecia por nome e poucas visitas à casa do meu melhor amigo na região. Após um trajeto de trinta minutos, finalmente entramos na Afrânio Peixoto, onde já consegui avistar a grande placa da entrada principal. Enquanto minha mãe puxava o celular animada para começar a registrar tudo, eu me sentia em transe, como se tivesse acabado de entender que agora eu estudava ali, na USP. Passamos

pela portaria e já entramos na Avenida da Universidade, com o seu lindo corredor de árvores que parece um convite a entrar e explorar o campus.

Conheci ali o Instituto Butantã – o qual só havia visto pela TV durante a pandemia. O CEPE. Meu pai começou a explicar que aquele era uma espécie de “clube” para os alunos da USP, e acabou contando que, quando era menino, usava da carteirinha de um amigo para vir ao CEPE para jogar futebol e treinar handebol. “Jogava bola e nunca esperei que fosse trazer minha filha para estudar aqui”, disse ele, com um sorriso no rosto. Eu não respondia, ainda extasiada com aquele novo mundo que se abria para mim. A cada prédio que passamos, como o CRUSP, a FFLCH e a FEA, me arrepiava em pensar que meu esforço durante o ano de vestibular havia valido a pena. Então, chegamos à ECA. Meu pai mal estacionou o carro e já pulei para fora, curiosa em conhecer todos os detalhes do prédio em que passaria os próximos anos da minha vida. A ECA estava vazia – uma cena que, mal sabia eu, seria difícil de ver durante o período de aulas.

Passei então pelo CCA, que estava com acesso controlado não só por conta das férias acadêmicas, mas também pela pandemia. Mesmo com minha mãe me atentando para tomar cuidado, me grudei no vidro das portas e consegui observar um pouco a biblioteca e a portaria do prédio, enquanto meu pai conversava com os seguranças. Assim que terminei de espremer os olhos em busca de achar mais detalhes do prédio, já virei em direção ao CJE. Conforme fui me aproximando, percebi que aquele era o Departamento de Jornalismo – o que me fez apertar ainda mais o passo.

Infelizmente, o prédio também estava fechado e não consegui ver muita coisa. Porém, aquele pouco foi responsável por fazer meu coração bater mais forte, como se finalmente tivesse encontrado meu lugar. Meus pais vieram logo atrás e também começaram a conversar com os guardinhas do CJE. “Ela passou agora! Estamos visitando pela primeira vez”, dizia minha mãe, com aquela feição de mãe orgulhosa. Eu já peguei meu celular e comecei a fotografar tudo, achando beleza em cada pedaço do instituto. Demos uma rápida volta pelo CRP e atravessamos para conhecer o quadrado das Artes. Então, atravessamos até a Psicologia, naquele jardim repleto de árvores, e paramos por ali.

Por alguns minutos, ficamos parados, em silêncio, contemplando a paz e o barulho dos passarinhos – como se precisássemos daquela pausa para assimilar tudo. Não sei o que passava na cabeça dos meus pais naquele momento, mas, pela cara que estavam

fazendo, penso que estavam repletos de orgulho e felizes pela minha conquista. Já na minha, uma série de coisas: comecei a imaginar cenários de quando eu conhecesse meus colegas, de como seria minha primeira aula... pensamentos clássicos de uma estudante que está iniciando uma nova fase.

Logo após, caminhamos para o carro e o silêncio já havia acabado – comentávamos sobre a semana de recepção, que teria início na próxima semana. Conforme subimos no carro e passamos pela raia olímpica em direção ao P1, comecei a sentir as lágrimas se aproximando. Deixei a emoção daqueles últimos dias se transformarem em lágrimas de alegria enquanto eu voltava para casa. Quem diria que sonhos que eu nem imaginava que tinha se tornariam realidade? E mais, que eles tinham uma localização e endereço: a Cidade Universitária.

De Aspirante a Esquiador Aquático para Esportista Frustrado – e Machucado

Gabriel Diniz Tavares

Era uma tarde ensolarada em Hartwell, uma pequena cidade pacata no coração da Geórgia. Eu estava no meio do meu intercâmbio, e a oportunidade de experimentar algo novo estava diante de mim. O *Lake Hartwell*, com suas águas calmas e cintilantes, parecia convidativo. Meu anfitrião, David, um jovem senhor com sorriso calmo, sugeriu que eu tentasse esqui aquático.

Confesso que estava nervoso, já que a ideia de ficar em pé sobre duas pranchas deslizando pela água parecia desafiadora. Mas, como dizem, as primeiras vezes são sempre memoráveis. E lá estava eu, com os pés firmemente presos às pranchas, segurando a corda com expectativa.

David acelerou o barco, e eu senti a força da água me puxando para cima. Meus músculos se contraíram, e por um breve momento, achei que fosse cair. Mas, milagrosamente, consegui me equilibrar. O vento soprava em meu rosto, e eu me sentia como se estivesse voando baixo sobre o lago.

As primeiras tentativas foram desajeitadas. Eu caía, me levantava e caía novamente. David ria, encorajando-me a persistir. “Você está quase lá!”, ele gritava. E eu estava. A cada queda, eu aprendia a ajustar meu peso, a inclinação das pranchas e a posição dos pés. Era uma dança delicada entre a gravidade e a superfície líquida.

Finalmente, consegui permanecer de pé por mais de alguns segundos. A sensação era indescritível. O barco puxava, e eu deslizava pela água, sentindo-me invencível... Eu tinha conseguido!

Mas, como toda boa história, havia um porém. Depois de várias quedas e caldos, depois de várias arrancadas emocionantes, em uma das tentativas, senti minha coxa pedir socorro. Eu tinha me machucado. Gritei por ajuda, e o barco parou. Sem muito jeito, subi de novo e voltamos para a doca.

O caminho do píer para a casa foi difícil. Era uma subida íngreme, e eu estava com uma das pernas sem conseguir encostar o pé no chão. Com a ajuda de David, chegamos até a casa. Meu quarto era no segundo andar. Então... mais um desafio.

Passada a noite, a dor não diminuiu. No dia seguinte, precisei buscar atendimento médico. O diagnóstico: uma distensão muscular. Recebi uma receita de naproxeno e instruções para descansar. Bom, isso seria difícil... Era minha penúltima semana, e ainda tínhamos muitos planos até voltar ao Brasil. Mas não tinha jeito, só melhoraria com o tempo.

Apesar da dor, eu não trocava aquela experiência por nada. A primeira vez no esqui aquático foi uma mistura de emoções: medo, excitação, frustração e triunfo. Aprendi que, às vezes, é preciso cair para se levantar mais forte. E, claro, que o *Lake Hartwell* sempre terá um lugar especial em meu coração. Então, se você estiver em um lago, e alguém lhe oferecer a chance de esquiar na água, diga sim. Quem sabe, você também terá sua própria crônica para contar.

A Primeira Vez da Última Vez

Julia Magalhães

Minha memória nunca foi muito boa. Mas existem certas lembranças que nos marcam para sempre.

Era uma sexta-feira de abril. Dia 24. Nessa mesma data, há dez anos, eu menstruei pela primeira vez. Sempre achei curioso como podemos sangrar por sete dias em um mês e continuar nossa vida normalmente, às vezes com muitos prejuízos, mas sem escolha. Naquele 24 de abril, eu também sangrei por um lugar novo e também tive que continuar a minha vida sem muita escolha.

Era o começo da pandemia. 2020. Estava na primeira aula do dia. Remota, é claro, afinal, estávamos todos procurando continuar a vida sem sair de casa. Estava frio, o outono já estava ganhando a guerra contra o verão e trazia um ar gelado para a cidade. Naquela noite eu tive um sonho bom. Não que eu me recorde do que aconteceu, mas lembro de campos com flores roxas. Lavandas. Embora minha memória tenha me deixado na mão mais uma vez, me lembro da sensação de paz que eu senti. Mas mesmo assim, como qualquer adolescente obrigada a acordar às sete horas da manhã, eu acordei cansada. Enrolei a coberta até a cabeça e liguei o computador para a não tão adorada aula de matemática. Entre uma resposta aqui e outra ali, já tinham se passado vinte ou trinta minutos de aula. Tinha acabado de desligar o meu microfone quando bateram na porta do meu quarto. Minha mãe. A princípio estranhei. Ela não costumava entrar no meu quarto quando eu tinha aula. No fundo, eu já sabia o que significava, só não quis acreditar. Seus olhos estavam inchados e ela estava agitada.

“Tá em aula?”, perguntou.

Concordei e por conta da voz dela, me vi perguntando se ela queria que eu desligasse. Agora foi a vez de ela concordar. Não queria sair da aula. Não me importava com as faltas ou com a perda de conteúdo, o meu medo era outro e ele havia se realizado. Três noites anteriores eu chorei desesperadamente imaginando esse momento. Ele estava perto de acontecer, eu sabia. Mas na hora mesmo, paralisei. Senti minha mãe me abraçando, retribuí no automático, mas me perguntei se era a hora de chorar; se era

verdade; me perguntei do depois: Como continuar agora? O que muda? O que isso significa?

E então me lembrei. Me lembrei do rosto dela, me lembrei do seu sorriso, me lembrei do toque da sua mão na minha, do seu abraço, da sua voz, das risadas, da comida, do carinho. E por fim, me lembrei da vez que a vi, e, naquele momento, foi a primeira vez que me dei conta de que foi a última.

Pela primeira vez, eu chorei de saudade. Uma mistura tão amarga e tão profunda que mesmo com todas as lindas palavras de pêsames nada consegue parar a sensação do incompleto. Nada iria ser mais perfeito, porque eu não poderia estar comemorando com ela. Finalmente, compreendi o peso daquele abraço na minha mãe.

Ela nasceu em Portugal. Seu nome: Fernanda Maria, mas ela sempre quis que fosse Maria Fernanda. Ela gostava de novelas e *Grey's Anatomy*, fazia os melhores bolos do mundo e tinha um caderninho com as senhas e receitas anotadas. Não conta para ninguém, mas ela guardava atrás do quadro. Costurava, pintava e me ensinou que, para fazer o efeito de grama na tela, você tinha que dar batidinhas no pincel. Adorava cuidar do seu jardim e sua flor favorita era a orquídea. Eu tatuei uma em sua homenagem. Na minha costela, o tronco do corpo. Assim como as orquídeas ficam em troncos de árvores. Ela lia muito sobre espiritismo, o que hoje me traz paz, porque eu sei que, em outra vida, eu vou encontrá-la. A gente não compartilhava os laços sanguíneos, mas ela era minha Tia Fernanda, antes chamada de Nanda por uma versão mais jovem minha. Ela gostava mais de Nanda. Mas sei que hoje ela vai gostar de saber que me refiro a ela como avó. E eu serei para sempre sua neta postiça.

A primeira vez que lidei com o luto foi silenciosa e limpa. A última vez que vi minha avó foi em uma cama de hospital. Eles a afastaram da gente, suspeita de Covid. Ela faleceu em uma ala separada, sem visitantes. Seu caixão foi lacrado e colocaram álcool por cima. Seu filho e meu padrasto foi o último a vê-la. Ele reconheceu o corpo. Um processo tão doloroso quanto estar com a pessoa na hora de seu falecimento.

O luto é cercado de primeiras vezes. Desde o primeiro momento que você descobre sobre a perda, até a primeira vez que você ouve a música que lembra a pessoa. O que para mim é Dona Cila da Maria Gadú. Já vai fazer quatro anos e eu ainda choro de pensar que, de todo o amor que eu tenho, metade foi ela que me deu. Eu mentiria se dissesse que não chorei escrevendo tudo isso também. A ironia da perda reside no fato de

que embora ela seja feita de primeiras vezes, ela ainda é constante. Como se toda vez que você a sentisse, algo estaria diferente, mas ainda assim, igual. Você vai viver sua saudade de maneiras diferentes, mesmo que já tenha mais de um contato com o luto de um ente querido. A princípio, a gente acha que vai chorar todos os dias, para sempre. Mas depois vão vir dias que você não vai lembrar da pessoa. E essa será a primeira vez que você vai sentir culpa após o luto. Essa saudade é tão silenciosa que você busca maneiras de fazê-la gritar. Depois de anos, eu tento me lembrar da minha avó com a mesma exatidão de quando minha mãe interrompeu aquela aula de matemática. A tecnologia ajuda. Eu tenho apenas um vídeo dela. Estávamos brincando com um filtro do *Instagram* para saber qual comida você seria. Ela seria uma moqueca de camarão: sofisticada, carismática e especial.

Este é o único áudio que eu tenho da voz dela. Infelizmente, tenho dificuldades de lembrar da sua voz com outras palavras. Uma das partes mais dolorosas do luto é a primeira vez que você percebe o esquecimento. A nossa memória é tão falha que busco maneiras de fazê-la ser ainda presente na minha vida. Há tanto que eu gostaria de lhe contar; gostaria que ela estivesse comigo na minha formatura; queria que ela fizesse o meu próximo bolo de aniversário; queria que ela me contasse sobre a nova temporada de *Grey's Anatomy*; que estivesse aqui quando passei no vestibular; ou que pudesse conhecer meu irmão. Mas a vida não saiu como combinado e ela vai estar comigo de outras maneiras, por exemplo, nesta crônica. Embora, todo o processo de relembrar seja doloroso, ele ainda é necessário. Ela, que fez parte de quem sou hoje, continuará sendo lembrada. Depois de viver a primeira vez de uma última vez, percebi que o ato de ouvir alguém que perdeu um ente querido, falar sobre a perda, é o melhor acolhimento para o luto.

Minha avó faleceu com diagnóstico de Covid. Pela primeira vez, alguém que eu amava era apenas um número para os outros. Mas para quem a amava, ela era mais do que um número nos mais de setecentos mil falecidos. Ela é Fernanda Maria, a dona do maior coração do mundo e minha avó, a quem eu dedico todo meu amor e, como resultado dele, essa crônica. Eu te amo, Tia Nanda!

Dos Tempos da Gelatina e da Sopa Sem Sal

Laura Pereira Lima

Na primeira vez que fui ao hospital, eu tinha dez anos. Tive a sorte de crescer com uma mãe religiosamente desapegada. Ateia, ela acreditava fervorosamente em seus próprios deuses: dipirona, paracetamol e aspirina. Quando tive os primeiros sintomas do que viria a ser uma apendicite, dor de barriga, pontadas de dor e enjoos, ela me deu Luftal. Disse que eram gases. Não foi um chute tão absurdo: tenho intestino preso desde criancinha – acho que ele pegou prisão perpétua – e os gases já faziam parte do meu dia a dia. Evidentemente não ajudou, porque ainda não inventaram um remédio capaz de descolar um órgão de dentro do corpo para ser expelido – e se inventassem, ele dificilmente seria expelido por mim. No dia seguinte fui para o pronto-socorro com pijaminha de pug, aquele cachorro com “narinas estreitas, úlcera de córnea canina, infecções nas dobras da pele, obesidade, alergias na pele e sarna demodécica”, que por algum motivo estava na moda em 2014. Eu mesma me sentia um pouco pug, mancando do lado direito e com a barriga toda inchada.

Depois de uma espera interminável, me encaminharam para o ultrassom que consolidou meu diagnóstico. Lembro de ficar aterrorizada, com medo de estar grávida. Talvez toda aquela dor fosse um bebezinho amargurado me socando por dentro e revirando minhas tripas. Não era o caso, evidentemente, e isso só mostra o efeito das respostas vagas de minha mãe à pergunta “Como os bebês nascem?”.

Na época, os médicos me disseram que podia ter sido causado por pedaços de unha engolidos. Eu, que me forçava a roer unhas para copiar meu irmão mais velho, fiquei aterrorizada. Hoje em dia, acho difícil que as inocentes unhas que roí tenham sido capazes de inchar meu apêndice daquela maneira. Aposto que foi coisa da minha mãe, que me repreendia toda vez que me via com o dedo na boca. Ela poderia também ter dito que não arrumar o quarto causaria câncer. Eu, na minha precoce hipocondria, teria acreditado.

Da mesa de cirurgia tenho poucas lembranças. Talvez porque felizmente eu estive inconsciente a maior parte do tempo – morria de medo de acordar no meio do procedimento e ver minha barriga toda virada do avesso. Acordei com um corte de cinco centímetros costurado na minha barriga. A apendicite, como o próprio nome sugere, é

uma infecção no apêndice, que fica colado ao intestino. São, por causa disso, duas cicatrizes: uma do lado de fora e uma lá dentro, no próprio intestino grosso. A essas duas cicatrizes, me permito acrescentar uma terceira, deixada pelo trauma da dieta extremamente restritiva a que fui submetida. Comer gelatina e sopa por mais de duas semanas pode ser bem traumático quando você tem dez anos, quer comer Fandangos e beber Coca-Cola (que você odeia, mas toma porque seu irmão mais *velho-e-descorado* tomava). A adoração ao meu irmão durou pouco tempo, mas teve consequências graves à minha saúde.

Em meio às sopas insossas e às frutas com consistência estranha que minha mãe esquentava no micro-ondas – eu não podia comer nada cru – algumas pessoas me vinham com histórias dignas de um livro de autoajuda. Diziam que todos os astronautas tiravam o apêndice, para evitar inflamações no espaço, e que eu já podia virar uma exploradora das galáxias. Mal sabiam eles que para ser astronauta eu precisaria de mestrado e doutorado, além de que a NASA não tem o costume de aceitar brasileiros com menos de doze anos no serviço espacial. Também não sabiam que eu seria completamente incapaz de fazer qualquer conta com mais de uma incógnita quando ficasse mais velha. Eu tampouco sabia, e na época, tive a certeza de que meu futuro seria em meio às estrelas. Sem muita criatividade, repetiam as histórias com poucas variações. Quem viajava para a Antártida aparentemente também tirava o apêndice. Confesso que esse cenário me empolgava bem menos.

A verdade é que eu estava bem satisfeita com meu estado de debilidade. Além dos benefícios óbvios, como não ter que fazer aula de educação física, disciplina que me rendeu algumas boas inseguranças por ser sempre a última escolhida para os times, tinha um benefício mais que especial: a atenção dos meus pais. Sou irmã do meio, espremida entre dois irmãos hiperativos e ligeiramente problemáticos, que pareciam ocupar todo o espaço familiar com seus problemas e birras. Nada melhor para restituir meu lugar ao sol do que uma infecção possivelmente mortal – todo ano cerca de setecentas pessoas morrem de apendicite, um número um pouco irrelevante, mas que na época parecia um atestado de óbito. Depois da cirurgia, diziam que eu era forte e sentiam pena de mim. Nunca entendi muito bem. Tudo que eu fiz foi tirar o cochilo mais delicioso da minha vida e ficar duas semanas assistindo *iCarly*. E agora posso dormir tranquila sabendo que, se a NASA me chamar com urgência para uma missão espacial, eu vou poder ir.

Recomeços

Maria Trombini

Naquela primeira segunda-feira de fevereiro, eu tive que aprender a começar uma vida nova. Uma viagem de férias sem fim me levou àquele corredor de paredes verdes abarrotado de crianças. Ali estava eu, separada de casa por quilômetros e quilômetros montanhosos. Em um colégio novo de uma cidade nova. Como agir com naturalidade em um lugar tão estranho?

Eu não lembrava de tempos em que a rotina não se resumia à escola, casa, cinema e praia, sempre com os mesmos amigos. Em uma realidade que hoje soa quase como de outro planeta, a tecnologia ainda não era tão presente na minha vida a ponto de conseguir aproximar as distâncias.

Naquela época, mudar de cidade me pareceu algo como assinar um atestado de “nunca mais”. Sem mais debates no pátio da escola para saber qual brinquedo levaríamos na próxima sexta-feira. Sem mais sorvetes do Sérgio numa tarde de calor. Sem mais passeios de bicicleta à beira-mar sentindo o vento gelado no rosto e imaginando se o tempo iria mudar antes do fim da semana.

Aquela segunda-feira era diferente de todas as outras. Ali, não havia nenhum rosto conhecido. Nenhum amigo para compartilhar as histórias de verão. Para planejar estrategicamente os lugares em que nos sentaríamos na classe. Em vez disso, dezoito pares de olhos curiosos me lançavam espiadelas.

Sentada no canto da sala, nunca tinha me sentido tão esquisita. Com meus recém-adquiridos óculos roxos nada modernos e um novo corte de cabelo, eu não sabia nem como me apresentar. Uma paixão maluca por futebol e conhecimentos aleatórios sobre livros de fantasia eram tudo que eu tinha a oferecer.

Vindo de algum lugar à esquerda, um garoto de cabelos cacheados foi o responsável por quebrar a barreira desconfortável do desconhecido e puxar assunto. Acho que ele não sabe, mas guardo aquela primeira amizade com muito carinho. Doze anos depois, o amigo da primeira segunda-feira foi um dos únicos que escolhi levar para a vida de jovem adulta. Hoje, com milhares de quilômetros entre nós, cada reencontro parece nos transformar naquelas duas pequenas crianças que ainda tinham muito a conversar.

Talentos Escondidos ou Inabilidades Desastrosas

Mariana Zancanelli

O tão esperado dia de andar de *kart* chegou. Era o dia em que eu iria descobrir se meu talento escondido era pilotar. Mas a Lei de Murphy foi minha primeira adversária na corrida. Estávamos super atrasados e o trânsito lentíssimo não colaborava. Enquanto o pessoal começava os treinamentos, eu e meu amigo não estávamos nem perto de chegar. O kartódromo ficava no estacionamento de um shopping da zona sul de São Paulo, no sexto andar. Quando finalmente chegamos, fomos voando pro elevador e respiramos aliviados. Faltavam uns dez minutos para a corrida.

A porta do elevador fechou e aí percebemos um pequeno problema: não tinha o botão seis. Então, nosso plano foi subir de elevador até o quinto e ir até o sexto andar pelas escadas de emergência. Abrindo a porta corta-fogo, descobrimos porque o acesso a esse andar era tão restrito. Ouvimos escandalosos barulhos de motor, sentimos o cheiro fortíssimo de óleo e quase tropeçamos em alguns pneus. Se nós déssemos mais dois passos, estaríamos no meio da pista. Fechamos a porta e começamos a procurar a entrada certa. E de alguma maneira, que eu ainda não sei explicar, conseguimos encontrar.

Depois de pagar e fazer a inscrição, seguimos em um corredor e vimos um grupo de adolescentes saindo dos *karts* que quase nos atropelaram alguns minutos antes. Fomos para a sala de treinamentos enquanto o resto do nosso grupo já ia em direção à pista. Faltavam menos de cinco minutos para a corrida.

Fizemos tudo ao mesmo tempo: guardar nossos pertences, ouvir as regras gerais, entender o que significava cada bandeira e colocar os equipamentos. Eu não consegui prestar atenção em nada. Eu só fui fazendo o que mandavam. Em pouquíssimos minutos, a gente já estava na pista com o resto do grupo.

Os funcionários estavam ligando os primeiros *karts* da fila. Com muita força, eles puxavam um tipo de corda ligada ao carro e o motor começava a funcionar. Quando chegou minha vez, olhei para o rapaz desesperado e perguntei: “O que eu faço? Eu perdi o treinamento. Não entendi nada!”. O homem olhou para mim como se eu fosse uma criança e com toda ternura do mundo respondeu: “O que você não entendeu?”. Minha vontade era responder: “Nada! absolutamente nada”. Mas eu tentei ser mais prática. Eu

perguntei: “O pedal da direita acelera e o da esquerda freia? É só isso?”. Ele sorriu e falou “É, é só isso. Você já entendeu! Boa sorte!”. E eu ia precisar.

Todos os *karts* estavam ligados e a brincadeira ia começar. Começamos com um aquecimento para decidir o *grid* de largada. E depois desses primeiros cinco minutos, bateu um medinho. Eu já estava me sentindo muito sufocada. Eu estava usando roupas grossas, luvas, balaclava, meu óculos e o capacete com o visor fechado, que já estava todo embaçado. Meus braços já estavam cansados, porque eu precisava de muita força pra manter o volante no lugar. E, só com esse *test drive*, eu já tinha certeza de que eu ia sair dali bem machucada por causa das batidas. Eu não ia aguentar a corrida.

Eu pensei em desistir. Mas eu pensei na Mariana de seis anos. Foi em 2010 que eu fui numa pista de *kart* pela primeira vez. Eu tinha ido assistir meu pai e fiquei fascinada com a corrida e com aquela emoção, aquela adrenalina. Eu pensei nos treze anos que essa oportunidade demorou pra surgir para mim também. Eu pensei no sufoco pra chegar até o bendito sexto andar. E eu pensei no dinheiro que eu já tinha pagado pra correr. Então eu não desisti.

Quando a bandeira quadriculada voou, não pensei em mais nada. Só tentei me divertir, como a Mariana de seis anos faria. Eu só acelerava, esqueci que o pedal do freio existia. E, obviamente, esqueci de prestar atenção nas bandeiras. Até hoje não sei o que elas significam.

No começo, tentei atrapalhar um pouco os adversários e participar da brincadeira. Mas depois de tantas batidas e de precisar ser arrastada de volta pra pista toda hora, eu comecei a brincar sozinha. Era mais tranquilo deixar todo mundo passar e depois ter a pista só pra mim. Eu comecei a pegar o jeito, errei menos as curvas e até comecei a usar os freios! Mas não dava para negar que eu tinha uma inabilidade desastrosa.

Depois de longuíssimos quinze minutos, a corrida finalmente acabou. No final, eu percebi que não lembrava de quase nada da competição em si, nem de quem ganhou! As memórias que ficaram foram a dor pelo corpo por causa das batidas, a tentativa de enxergar pelo visor embaçado e o rosto da coitada da moça que me arrastou de volta pra pista infinitas vezes. No final, eu pedi desculpas por ter dado tanto trabalho. Ela riu e disse: “Faz parte!”

Como imaginado, fiquei em último lugar. Eu consegui a proeza de terminar a corrida completando cinco voltas a menos do que o campeão. Mas foi uma experiência e

tanto. Eu recomendo principalmente para quem gosta de dirigir loucamente, suar e ficar zozzo – o que não é meu caso.

As expectativas da Marianinha de seis anos eram altas demais em relação ao *kart*. Achei que seria mais libertador, divertido e com adrenalina. Eu não achei que eu contaria os segundos para a corrida acabar. Mas tá tudo bem. No fim das contas, esse é o grande valor de fazer algo pela primeira vez. É o único jeito de se conhecer, seja desvendando talentos escondidos ou inabilidades desastrosas.

Primeiras Vezes Desastrosas

Thaís Helena Moraes

Na última semana, tive um desastre culinário que foi fruto de uma primeira vez. Tentar fazer hambúrguer sem conhecimento prévio me rendeu um corte no dedo. Enquanto enrolava meu dedo *num Band-Aid*, fiquei pensando que as primeiras vezes são sempre as piores. Tudo que tem para dar errado, vai dar, e não é raro achar por aí pessoas narrando vários traumas de primeiras vezes. Não tem como fugir. Se você abre uma empresa, tem 27% de chance de quebrar ainda no primeiro ano. Agora, se você já é casado e nasce o seu primeiro filho, é grande a chance de que, em um ano, você não agüente mais olhar na cara do cônjuge. Para 20% dos casais, isso resulta em divórcio. Até para tirar carteira de motorista você precisa se humilhar, porque existe 34% de chance de ser reprovado logo de cara.

Com tanta chance de fracassar, por que a gente continua tentando fazer coisas pela primeira vez? De onde vem essa vontade louca de fazer uma coisa que você nem sabe se gosta, e que pode acabar dando em uma dor de cabeça desnecessária? Não é muito mais fácil, por exemplo, pagar para quem sabe fazer em vez de aprender sozinho? Para evitar chateação, chega de tentar pela primeira vez. Melhor mesmo é não inventar moda e tentar ser perfeito sempre, para não dar muito na cara quando for a primeira vez. O ideal é agir como um especialista, para parecer que é a quarta, quinta, sexta vez fazendo alguma coisa. Que nem o Raul Seixas diria, é bom até evitar situações muito arriscadas, para não dar de cara com o azar... mas pensando bem, se a intenção é parecer perfeito, por que a gente dá tanta importância pra primeira vez? A ciência diz que leva algo entre três mil e onze mil horas para se aperfeiçoar em uma certa atividade. Faria mais sentido, então, celebrar as milésimas vezes... mas... tem sempre alguma coisa que nos atrai para o novo. É uma vontade de se superar, ou de deixar uma marca no mundo, e quem sabe até uma vontade de errar, mesmo. Pensando assim, o erro deve ser o melhor amigo das primeiras vezes. Acho que o prazer de não ser perfeito, junto com a vontade de ser melhor na segunda vez, é o que faz o mundo rodar. A propósito, essa aqui é a primeira vez que eu escrevo uma crônica. Isso com certeza só pode resultar da vontade de cometer erros para melhorar na próxima. Dito isso, até a próxima!

Referências:

Obras:

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

BARROS MALULY, Luciano Victor [et. al.]. **Crônicas para Ler e Ouvir.** Vol. 1. São Paulo: ECA-USP, 2021. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/730/648/2404>. Acesso em: 10 de julho de 2024.

BARROS MALULY, Luciano Victor; AZEVEDO MUÑOZ, Daniel; e OLIVEIRA TÔZO, Carla de. **Crônicas para Ler e Ouvir.** Vol. 2. São Paulo: ECA-USP, 2023. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1095/1000/3699>. Acesso em: 10 de julho de 2024.

BARROS MALULY, Luciano Victor [et. al.]. **Crônicas para Ler e Ouvir.** Vol. 3. São Paulo: ECA-USP, 2023. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1199/1094/4129>. Acesso em: 10 de julho de 2024.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo.** Porto Alegre: Editora Sulina, 1980.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques D'aquém e D'além Mar: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos.** São Paulo: Summus, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

Arquivos e Hemerotecas

Universidade 93,7 – Portal Jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/sinopses/universidade-937>. Acesso em: 10 de julho de 2024.

Universidade 93,7 – ECA-USP: <http://www.usp.br/radiojornalismo>. Acesso em: 10 de julho de 2024.



Acesse: <http://alterjor.webhostusp.sti.usp.br/>